

MEMORIA

SOBRE

A FILARIOSE

OU

A MOLESTIA PRODUZIDA POR UMA NOVA ESPECIE DE PARASITA CUTANEO

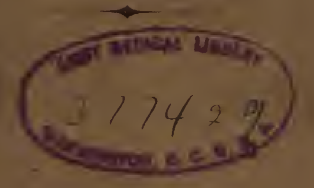
DESCOBERTO

POR

Antonio José Pereira da Silva Araujo

Doutor em Medicina pela Faculdade da Bahia,
approvado com distincção na these de doutoramento, medico adjuncto
do Hospital da Caridade

(Com duas estampas lithographadas, sendo uma original)



BAHIA
IMPRENSA ECONOMICA
22 — Rua dos Algibebes — 22

1875



WC 880 S586m 1875
35410390R
NLM 05171947 0
NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE
THE ARMY MEDICAL LIBRARY, Washington, D.C.


THE ARMY MEDICAL LIBRARY, Washington, D.C.
DUE TWO WEEKS FROM LAST DATE
JUN 1 6 1965
GPO 881473

Memoria sobre a Filariose

MEMORIA

SOBRE

A FILARIOSE

OU

A MOLESTIA PRODUZIDA POR UMA NOVA ESPECIE DE PARASITA CUTANEO

DESCOBERTO

POR

Antonio José Pereira da Silva Araujo

Doutor em Medicina pela Faculdade da Bahia,
approvado com distincção na these de doutoramento, medico adjuncto
do Hospital da Caridade

(Com duas estampas lithographadas, sendo uma original)

BAHIA
IMPRENSA ECONOMICA
22 — Rua dos Algibebes — 22

1875



A SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR

Dom PEDRO II

O PROTECTOR DAS LETTRAS

O. D. C.

O Autor.

Ao Leitor

Filariose e Filaria dermathemica — eis o assumpto d'este humilde trabalho, fructo da observação sobre uma molestia e um parasita cutaneos, até hoje desconhecidos na sciencia.

Com o passo ainda incerto pelas espinhosas veredas da sciencia microscopica, causará sem duvida grande admiração que nos atrevamos a apresentar investigações originaes, estudos que nos são particulares.

Somos, porem, d'aquelles que entendem que é necessario convergir todos os esforços para o engrandecimento da medicina patria.

Dissemos engrandecimento, e muito propositalmente assim nos exprimimos — porque é apenas necessario *engrandecer* o edificio, eleval-o o mais possivel, pedra a pedra, custe-nos muito embora cada uma um sacrificio!

Dissemos engrandecer, porque é quanto a nós, os moços, nos é dado: que as pedras angulares do magestoso templo, a base

granitica do grandioso monumento — essas estavam já de ha muito bem firmadas.

Os Mestres tinham, em patriotico arrôjo de abnegação, erguido bem alto o brado, que repercute tão ruidoso no peito da mocidade, e ao grito de — Avante! — soltado quasi a um tempo das duas Faculdades, os moços, que não conhecem a descrença — essa *pieuvre* do espirito que o emmaranha e tritura — os moços, que se inspiram sempre nas sabias licções de seus preceptores, cerraram logo um circulo compacto, em torno a esses astros do porvir, que começavam a acenar-lhes para a patria suspirada do futuro; que longe, muito ao longe, lhes apontavam uma visão sublime, seductora e resplendente — a gloria!

Para nós é questão de dever, a que está restrictamente obrigado todo brazileiro iniciado nos arcanos do luzeiro de Cós, o nacionalisar a sciencia, o engrandecer a medicina patria.

Ora, n'este trabalho era-nos permittido apresentar estudos com-

pletamente originaes, o fructo de nossas proprias observações, e, finalmente, as conclusões, que julgamos dever deduzir depois de prolongado meditar.

Era um descobrimento interessando a um tempo á pathologia e á clinica, ao zoologista e ao micrographo.

Eis, pois, a razão, do apparecimento d'esta Memoria.

Prestariamos, realmente, algum serviço com tal publicação? Teremos concorrido porventura para o engrandecimento da sciencia patria com a nossa pobre Memoria?

Sem o architecto, que delinêa o edificio e traça-lhe as dimensões e as fórmas, não haveria, é verdade, a fabrica maravilhosa; mas sem o alvanel, que sobrepõe as pedras — tambem não.

Entre um e outro vae, é certo, a differença que distancêa o genio, que produz, do autòmato, que executa; mas nem por isso é de todo desprezivel o homem-machina: e tanto que, sem elle, não existiria o edificio.

Seremos tambem um alvanel, e, ao menos, uma pedra, pressuroso e contente, accrescentaremos ao templo da sciencia.

Mas si nem isso conseguirmos?... Si nem a tanto montarem nossos esforços reunidos?

Restar-nos-ha, e já é muito, o merito de uma boa intenção: baldos foram apenas a illustração e os talentos.

Borbulhasse-nos no cerebro a effervescencia de uma imaginação de poeta, vicejasse-nos na mente a flôr inebriante do talento, porejasse-nos da fronte o suor do cansaço após o perigrinar de longos annos pela estrada bravia da sciencia, reunissemos, finalmente — nós, pobre neophyto que começamos apenas a balbuciar o verbo da medicina — reunissemos a luz do talento, que rompe as trevas do ignoto, e o subsidio da illustração, que activa o clarão da intelligencia; possuissemos esses dons mais gloriosos florões que podem exornar a fronte de um mortal — na medida em que possuimos bons desejos — e não deixariamos

por certo de exhaurir, do grande thesouro das magnificencias de nosso torrão diamantino, uma pedra fulgurosa que nos recompensasse o labôr da tentativa.

Não o poderemos fazer, máo grado a vehemencia do anhelo, mas fal-o-hão outros mais tarde.

Sim, que o paiz ante cuja magnificencia extasiaram-se as vistas de Humboldt, Martius e outros, arrancando-lhes um brado de admiração e de espanto, e do qual o sabio climatologista Jules Rochard diz « que em nenhuma parte do mundo vira arvores tão bellas, florestas tão imponentes », referindo-se ao Rio de Janeiro, acrescentando logo depois que « á muito pequena distancia da capital se encontram, sobre as montanhas, povoações que, debaixo de qualquer ponto de vista, nada teem que invejar ás mais deliciosas residencias da Italia », esse paiz maravilhoso bem merece do patriotismo de seus filhos toda a abnegação e todo o estudo !

Dada a primeira razão do apparecimento da Memoria — o cunho de originalidade que poderiamos imprimir-lhe — encaremos por outro lado o mesmo assumpto e tacteemos-lhe a importancia.

Com que ordem de conhecimentos medicos joga mais directamente o ponto discutido? Certo que é a microscopia a sua base.

E que é a microscopia?

Em medicina é o enterrar do escalpello nas bojudas nuvens do ignoto, e o rasgar-lhes o seio até surgir a luz, que obscurecem.

É o soltar de estridente gargalhada á empavonada sciencia dos phantasiadores de gabinete, que vomitam do cerebro, escandecido pelas lavas da metaphysica, borbotões ininterruptos de hypotheses sem nexo.

É o fustigar do raio na profundeza da treva, ou a faisca siderea a scintillar no cahos.

É o *virus* que foge para a região dos phantasmas, elle mesmo duende de imaginações em desconcerto.

É o *miasma* que se esvae, subtil como a fumaça, em fumo se convertendo de um edificio incendiado.

É o *effluvio* que se encaminha para as regiões da historia, salvaterio para o olvido que ameaçava amortalhal-o.

É, finalmente, a substituição de tudo isto por elemento material, visivel ao microscopio.

Força é dizel-o, á face mesma dos campeões da tradição, ciosos de seu dominio de autocracia feudal : uma nova éra começa a desenrolar-se, uma nova bandeira tremúla no arraial, uma proclamação mais progressista desperta os combatentes !

O seculo das luzes bem carecia de uma revolução em medicina, elle que as teve tão notaveis em outros ramos da sciencia. Com elle nasceu, por assim dizer, a histologia, e, antes que a lapida sepulchral cubra-lhe a cova, terá ella sacudido o jugo atroz da metaphysica.

Parece que as cactaratas da sciencia se abrem, e um diluvio

ameaça a destruição das theorias; mas as aguas purificadoras só lavarão as immundicias, e na barca da tradição salvar-se-ha tão somente o incorrupto.

Bem se vê que isto não é proscrever a tradição no que ella tem de bom, o que de certo se não compadeceria comnosco, que tambem entendemos que « em uma sciencia tão antiga como a medicina, o passado representa ás vezes o fóco luminoso de onde directamente podemos receber a luz que no presente recebemos reflectida ».

Do campo do microscopio os raios divergentes chegam longe, e sem receiar ferir muita retina, que idolatra a penumbra, caminham ao seu destino, sempre espaneando as trevas.

Quando o medico quer espiar os segredos do organismo, observa ao microscopio, e a physiologia vem humildemente rogar-lhe o seu auxilio, suas luzes e criterio!

Sem elle a sciencia de Longet chafurda na ignorancia, e crêa phantasias em vez de edificar systemas.

A pathologia geral submissa o acompanha, a clinica o abraça, a pathologia especial pede-lhe um raio e a cirurgia luz!

Autocrata senhoril, impõe suas verdades. Não discute, convence; não persuade, mostra.

Mas sua imposição não é ferrenha. Infiltra-se no espirito com a singeleza da verdade, sempre bella, sem carecer de atavios, e domina a opinião sem precisar de syllogismos. O positivismo dos factos lhe é sufficiente.

Eis o que é a microscopia em medicina, n'um traço, á *vol d'oiseau*.

Não fica, porem, ahi.

Olhae pelo tubo do microscopio o dedo do Creador, e vel-o-heis mais colossal que atravez do mais potente telescopio!

Grande na grandeza, Elle apparece immenso, infinito na pequenhez miseravel!

Que muito é que no espaço sem fim semeie o Omnipotente mun-

dos sem conta, si nos limites de uma gotta de agua encerra maravilhas sem descripção? *Natura maxime miranda in minimis* — disse-o Linneo, e a natureza é — Deus.

Recolhei na ponta da mais fina agulha a mais diminuta gotta do liquido que banha a hervosa margem de dormente lago, e observai-a ao microscopio.

Myriadas de seres, de cuja existencia nem cogitaveis, saltar-vos-hão á retina, e, espantado de tanto prodigio, esfregareis os olhos, suppondo-vos em sonho.

Um oceano sem ondas se desenrola aos vossos olhos; seus habitantes variam como varia a natureza; seu numero é tal que não podeis computal-o; seus movimentos tão vivos que não lograes acompanhal-os!

Observae ainda.

Vêde aquelle animal... .. mais outro.... e depois outro.

Attentae bem que já nem os podeis mais reduzir a um numero preciso.

Fitae sempre.

Vêde a singular variedade que caracterisa aquelle grupo : contorcem-se, retraem-se, estiram-se lentamente; ora são longos, ora das mais caprichosas fórmas, e nas mais exquisitas posições. Em um minuto apresentam um sem numero de aspectos. Sabeis como se chamam ?..... São *Proteus* — mudam de fórma.

Vêde mais.

Um infusorio alongado lá se está a revolver. Notae-lhe a bocca, terminal, orlada um pouco abaixo por uma corôa de cilios. Reparae como se movem esses appendices delicados, como fustigam o liquido em um continuo agitar.

Procurae comparar o lindo corpo do infusorio com alguma cousa que no mundo dos sentidos vos fôr bem conhecida.

Não achaes ?.....

Peis bem, vou ajudar-vos.

Nunca vistes, ao mais ligeiro preludio de borrasca no ceu bonançoso da ventura, formar-se repentina, nos olhos da creança que começa a agitar as azas da innocencia, da virgem prestes a deixal-as, ou do ancião, que lastima sua perda... nunca vistes formar-se-lhes nos olhos uma perola brilhante, redonda como uma esphera, que a pouco e pouco se debruça por sobre a palpebra, e estende-se para a face, preza apenas por seu ponto primitivo á borda palpebral?

Não notastes acaso a fórma oblonga que gradualmente vae tomando a lagrima vertida, até figurar um longo ovoide, ao qual houvessem destendido a extremidade mais estreita?

Pois bem, comparae agora a fórma dessa lagrima, a deslisar-se pela face, com a do infusorio que nos occupa, e dizei-me se não é porventura frisante, notavel, profunda mesmo, a semelhança.

Foi por isso que o sublime Linnêo, que á profundeza de conhecimentos de um sabio reunia o sentimento de um poeta, graciosamente denominou o infusorio — *lacrymaria.*

Observae ainda.

Vêde aquelles outros que parecem porções de gelatina. Notae como distendem os tentaculos para grudar a preza. Observae como envolvem-n'a com pericia, e deglutem-n'a vorazes. Reparae agora como se retraem vagarosos e cahem n'um torpor.

É que, na elegante phrase de A. Chévalier, na gottasinha de agua existem tambem giboias. Não conheceil-as acaso?... São *Polypos.*

Tomae ainda uma só gotta da agua verde dos pantanos, e examinae-a ao microscopio.

Vêdes aquelles infusorios fusiformes, que sulcam, em tão variadas direcções, o liquido observado?

Notae bem que esse liquido, que julgaveis verde, é, sob o

vosso objectivo, agua transparente, clara, limpida, como a da mais pura vertente, e que os infusorios, esses sim, é que são verdes.

Ahi está, pois, a razão da côr esverdeada das aguas pantanosas. É quasi sempre este infusorio que lhes dá a côr da folha Imaginae, porem, que multidão de animalculos não será precisa para corar a gottasinha de agua, e quantos milhares de milhões não encerrará o pantano!

Quereis saber o nome deste lindo infusorio ?... É a *Euglena viridis*, talvez uma das especies mais communs.

Vêde mais.

Junto á linda habitante d'esse mar de uma gotta, que começa a resplandecer de belleza e de primores, angariando as caricias de um amor passageiro, entre mil movimentos — reverberos da vida e actividade, — encontrareis o cadaver do infusorio que finou-se e o embryão saltitante do infusorio que começa.

É um mundosinho, bem vêdes, porem contido n'uma gotta de agua!

Pedi aos philosophos quantas provas quizerdes da existencia de Deus, buscae-as nos mais intrincados argumentos da mais transcendente metaphysica, imponde-a mesmo como dogma — que eu adduzirei as provas apenas com uma gottinha d'agua, suspensa da fina ponta da mais delicada agulha!

Perante ella o atheu se sentirá tão pequenino, tão pretencioso e ousado, quanto é grande o dedo do Creador a mover os innumeraveis habitantes d'aquelle tão diminuto mundo.

Diante do microscopio, ou o homem não raciocina, ou raciocinando ha de exclamar: Existe Deus!

Mal sabieis no emtanto que, no crystal da limpida corrente, uma corrente de vida tambem se desenrolava, uma cadeia de seres tambem se entretecia, um mundo animado se agitava, e um microcosmo revolvia-se.

Passemos, porem, agora a observar um liquido já putrido.

Tomae uma gotta de urina putrefeita, e levae-a ao campo do vosso instrumento de optiea.

Examinae bem aquelles eylindros brancos que se movem. Notae-lhes a multiplicidade de tamanho que affeetam : a diversidade de fórmas que apresentam — ora reetos, ora dobrados em angulo, eujo gráo de abertura é variavel.

Vêde que alguns mal se percebem, de pequenos que são, mas que outros ferem a vista pela enormidade do tamanho. Este eontenta-se em baloiçar-se eomo o pendulo ; aquelle voga ao longe como um virote no mar largo, saeudido pelas ondas, em meio da borrasca ; áquelle outro pareee que impelle uma força intelligente : fusa eerteiro o liquido e atravessa o eampo. Outros embatem-se sem norte: qual mergulha e surge após, qual revira-se mil vezes, qual sacode os elementos, qual exeeuta mil voltas.

A estes chamam Bacterias, e suas variedades são multiplices.

Outro ser vivo, porem, sulca igualmente o liquido, cuja putrefacção vae bom caminho.

Não é já o cylindro esbranquiçado, mas o Vibrião, de côr escura.

Ora limitado a um ponto imperceptivel, que mergulha, ora afilado como um estilete, ora enroscado como um helice, ora dobrado como um arco, ora distendido como uma flecha, o Vibrião tem a presteza do raio nos mil movimentos que executa.

Investe as cellulas que o rodeam, sacode as bacterias, de movimentos mais brandos, mergulha de continuo, encontrôa os elementos, agita a onda liquida. Ora em movimentos ondulatorios como o peixe ; ora descrevendo um helice perfeito : é o Spirillo então.

Admirais a enorme variedade de infusorios ? . . . E no emtanto mal sabeis que o seu numero é grande como o das areias

do oceano, a sua diversidade tamanha quanto as transmutações da natureza!

Desde Leeuwenhoek, que, no fim do seculo XVII, viu o primeiro d'estes animalculos, até Hill, que, em 1752, tentou-lhes a primeira classificação, Wrisberg, que, em 1764, deu-lhes o nome de *Infusorios,* e Müller, que, em 1774 a 1786, publicou sobre elles um monumental trabalho, sabeis acaso quantos sabios se teem occupado com estes animalculos, e que variedades teem já sido estudadas?

Impossivel é dizer-vol-o em tão estreitas linhas.

Quereis comtudo uma prova?

Pedi a Ehrenberg que vos diga se não calcula em vinte e tres milhões o numero de mumias de infusorios, reunidas em uma *linha de pedra de polimento* de Bilin, na Bohemia, e se não avalia em cento e oitenta e sete milhões as existentes n'um grão da mesma pedra.

Em medicina, o microscopio é a luz. Foi elle que revelou a Leeuwenhoek que o sangue é um liquido, contendo em suspensão myriadas de globulos. Foi por elle que Welker chegou a contar em um millimetro cubico de sangue — cinco milhões de globulos!

Perguntae á physiologia hodierna se lhe não deve a base de seus mais importantes descobrimentos; se lhe é possivel desvendar o mais pequeno segredo da vida, sem implorar seu auxilio; se, depois que Jansen presenteou a humanidade com o maravilhoso instrumento, já se atreveu a dar um passo, sem se encostar ao microscopio.

Interrogae a pathologia, a importante sciencia das molestias, que, em vez de encarar o homem são, e devassar-lhe os segredos da machina sublime, contenta-se em estudal-o abatido, gemendo dores atrozes, a braços com a doença. Perguntae-lhe se, na abstracção sequer de uma molestia, se atreve a desprezar os subsidios da histologia morbida

Duvidaes ainda, pois, da importancia da histologia em medicina?

Perguntae á chimica se lhe não deve subsidios; perguntae-o tambem, á zoologia e á botanica; perguntae-o á hygiene.....

Mas, para que perguntar? « Nous ne nous arreterons pas à combattre ceux qui nient l'utilité du microscope en médecine ou se vantent de ne pas croire aux résultats qu'il donne, chacun devant rester libre d'essayer de justifier à sa guise les motifs de son ignorance ou de sa paresse » (Robin).

Demonstrada, como fica, a importancia do microscopio em medicina, talvez me pergunteis:

— Mas a que vem tudo isto?

Dir-vol-o-hei.

O assumpto d'esta Memoria é de pura microscopia e, se essa é da maxima importancia em medicina, se é a pedra angular do edificio hodierno, a base dos conhecimentos mais recentes —

implicitamente se concluirá que era tal a importancia intrinseca da materia, que não podiamos, não deviamos mesmo deixar de occupar-nos d'ella.

Sabemos, certamente, e somos o primeiro a confessal-o, que o facto do descobrimento do animalculo, por si só, não poderá constituir um documento de habilitação, porquanto foi um acontecimento meramente casual, e não o resultado de investigações premeditadas.

Mas, cumpre tambem notar, que o mais importante descobrimento ficaria sem duvida improductivo, se estudos demorados e pertinazes não viessem posteriormente devassar-lhe e aperfeiçoar-lhe a applicação.

Demais, difficilmente se encontrará um descobrimento, em medicina, que não fosse filho legitimo de um feliz acaso.

Foi por acaso que descobriu-se o *galvanismo*.

Casualmente suspende, em 1780, o celebre Galvani, do balcão

de sua janella, uma rã sacrificada aos interesses da sciencia. Um gancho de cobre, seguro por uma ponta ao barrote transverso da janella, enterra-se pela extremidade opposta na medulla espinhal do batracio immolado.

A principio baloiça-se simplesmente, ao embate da aragem, o corpo pendurado do animal. Mais tarde, porem, as carnes, ainda frescas, do amphibio, começam a enrijar-se ; os membros sacodem-se com furia, e o animal contrae-se fortemente.

Impressionado pelo insolito phenomeno, procura o celebre physico prescrutar-lhe as minudencias, e observa então que as contracções se executam somente quando as carnes do animal tocam a balaustrada de ferro do balcão.

Galvani attribuiu o phenomeno a correntes organicas, de que eram conductores os metaes, e o *galvanismo* originou-se.

É verdade que a idéa de Galvani tinha mais tarde de cahir ante a dialectica de Volta, que attribuiu aos metaes a origem

d'essa elctricidade que Galvani suppozera simplesmente organica; mas o merito da descoberta recahiu todo sobre o primeiro, e a sciencia agradecida soube immortalisar-lhe o nome.

Á sua propria descoberta constituiu-lhe o monumento de gloria, e no pedestal inscreveu esta palavra — galvanismo!

Mas foi realmente o acaso o autor do descobrimento?

Não! o acaso teria ficado apenas o que era em sua essencia — simplesmente acaso — se o genio de um homem não estivesse ali para apanhal-o!

Se, ao envez de Galvani, presenceasse o facto uma intelligencia commum, vel-o-hia, por certo, mas não procuraria *observal-o*; admiraria, talvez, mesmo; espantar-se-hia até..... mas acabaria por benzer-se. Uma falcatrua diabolica explicaria convenientemente o singular phenomeno, e, assim acoimada de satanica, a natureza embalde continuaria a presentear o nescio com o portentoso espectaculo.

O merito de Galvani esteve em saber ver, primeiro, em reflectir, depois, e em concluir, finalmente.

É que existia ali alguma cousa, que fallecia no primeiro. Essa alguma cousa era uma particula de luz celestial : chama-se — genio.

Foi por acaso tambem que descobriu Laënnec o sthetoscopio.

Á consulta do clinico eminente apresentou-se uma virgem. Nas faces as rosas do pudor entreabriam-se escarlates, e o seio palpitava-lhe com força em um tremor convulsivo. Ao alvorecer da vida, a joven presentiu um mal do coração, e, tomada de medo, anciosa procurava as luzes e os conselhos do sabio especialista.

Laënnec, com a vista dupla do pratico eminente, por um instante observa a joven consultante.

Refere-lhe esta o mal e pede-lhe o remedio.

Accusava a doente palpitações intensas, e anciosamente rogava a Laënnec lhe auscultasse o peito.

O mestre reflectia.

Alem da nediez que embaraçava o caso, a moça apresentava os seios volumosos, e o esquerdo occultava completamente a região precordial.

Laënnec pensava.

Indicar á joven as difficuldades que o vexavam, parecia ao grande medico uma offensa directa á timidez da donzella. Pedir-lhe que despisse o corpete e levantasse o seio nú, affigurava-se-lhe ao espirito um attentado ao pudor.

Em tão difficeis contingencias vacillava entre dizer-lhe que era impossivel auscultal-a, ou decidir-se a encostar o ouvido ao seio descoberto. Ainda assim, porem, a grande saliencia impossibilitar-lhe-hia o exame.

Laënnec reflectia.

Quando os genios reflectem, Deus promette um raio de luz á humanidade, e, se a reflexão se aprofunda, o raio desce.

Laënnec, como distrahido, com o espirito vagueando em um mar de indecisões, parou emfim a vista sobre o papel em que escrevia as receitas. Fitou-o ...... fitou-o muito. Subito incendiaram-se-lhe os olhos, as pupillas faiscaram, os membros sacudiram-se convulsos, a mão tremula agarrou soffrega um caderno ...... enrolou-o com rapidez ..... e Laënnec preciptou-se para a doente.

Esta involuntariamente recuou. Havia alguma cousa de extraordinario nas feições do grande homem ..... Era a luz celestial.

Laënnec encostou, febricitante, uma das extremidades do cylindro de papel á base do seio esquerdo da doente, adaptou o ouvido á extremidade livre, e escutou .....

De repente transformaram-se-lhe as feições, levantou a fronte,

hirto como uma estatua, silencioso como um tumulo, pallido como um cadaver... mas no semblante desenhava-se-lhe uma alegria indescriptivel.

Affrouxaram-se-lhe os dedos, e as cinco folhas de papel rolaram, desdobrando-se, até o chão.

Cahiram.... mas no cerebro do grande homem se stereotypara um instrumento.

Laënnec acabava de descobrir o sthetoscopio.

Levado pela idéia de que os solidos transmittem perfeitamente os sons, Laënnec enrolára o caderno de papel e encostara-o ao peito da donzella. Errára suppondo que o tubo improvisado obraria apenas como um cylindro compacto, mas *casualmente* descobrira um instrumento maravilhoso — mais tarde sthetoscopio.

A principio fôra a idéia mal polida, agreste em seus contor-

nos : em breve porem devia sublimar-se e surgir banhada em luz do cerebro do genio.

Vê-se, pois, que o acaso tem muita vez sido o autor de grandes achados, ou, melhor, a occasião propicia para importantes descobrimentos.

Dissemos acima que era preciso, é certo, que um homem predestinado estivesse no caminho desse acaso para delle aproveitar-se. Isso, porem, que é facto quando se trata de um descobrimento importante, como os dous a que nos referimos, não se torna de modo algum necessario em um caso como o de que nos vamos occupar n'esta Memoria, referindo o descobrimento, na pelle, de um parasita ainda não conhecido na sciencia.

Em um facto tão simples como este basta, depois do feliz acaso, uma perseverança decidida e um estudo aprofundado, para auferir quem quer que seja todo o resultado possivel.

Em questões de microscopia um genio revolverá os funda-

mentos da sciencia e construirá novos systemas, appareeendo no vasto campo da medicina com a aureola fulgurante de um Virchow, por exemplo ; mas uma intelligencia vulgar, dirigida por uma vontade tenaz e decidida, bastará para aprofundar um grande numero de factos positivos, reduzindo-se apenas seu papel ao de paciente observador.

Sem pretenções, pois, a um descobrimento notavel, somos o primeiro a confessar a reduzida importaneia que o reveste, e não pedímos nem merecemos outro titulo que o de adepto fervoroso da moderna eschola positivista e observadora, que em medicina levanta um grito enthusiastico e progressista contra o ferrenho jugo do syllogismo absoluto.

Factos, sempre faetos, é o de que earece a medieina. O raciocinio depois, e sobre tal base, será então dos mais proficuos resultados.

Duas palavras agora sobre a divisão do assumpto.

Em tres capitulos descrevemos a molestia e o seu parasita productor.

No primeiro, como era natural, occupámos-nos com o ***historico*** do descobrimento do nematoide. É um *diario* das observações, que iamos fazendo, e dos resultados obtidos.

No capitulo segundo descrevemos a *Filaria dermathemica.*

Dir-nos-hão, talvez, que era inutil dedicar um capitulo a esse objecto, quando haviamos já minuciosamente descripto, em diversos tempos, o microzoario.

É isso verdade, mas n'essas descripções truncadas, filhas da observação de cada dia, que podia muito bem aperfeiçoar-se no dia immediato, não haviamos methodicamente descripto o parasita.

Para preencher essa lacuna, reunindo em um todo partes aqui e acolá esparsas, é que escrevemos o capitulo segundo, destinado á *Filaria dermathemica.*

Havia, alem disso, necessidade de provar que o entozoario pertencia ao genero *Filaria*, e preciso se fazia tambem que desenvolvessemos as razões, que nos levaram a chamal-o *Filaria dermathemica*.

No capitulo terceiro figura a *Filariose*, que assim denominámos arrimado em um certo numero de razões, que n'essa parte do trabalho apresentamos.

No estudo da *Filariose* não nos limitámos a descrevel-a syntheticamente. Por amor ao methodo, indispensavel n'este genero de estudos, dividimos a descripção da molestia em um certo numero de paragraphos, occupando-nos em cada um d'elles com a *pathogenia*, a *symptomatologia*, etc., da molestia.

Duas observações agora, antes de terminar.

É a primeira a seguinte : poderão censurar-nos por termos escripto uma Memoria sobre uma molestia e um parasita cutaneos, que apenas observámos uma vez.

Responderemos, porem, que a natureza não crêa uma molestia e um parasita qualquer, animal ou vegetal, para presentear um individuo.

Demais, Méricourt, na Terra-Nova, só observou uma vez, em uma affecção cutanea, o Acaropse (Vid. a estampa copiada). que outra vez viu sahir do conducto auditivo de um doente, de envolta com o pús que corria desse canal ; mas, por só ter visto um caso da dermatose, nem por isso deixou de descrever o animalculo, que os autores de mais nota da Europa tambem não receiaram incluir entre os parasitas da pelle.

Foi assim que, logo depois de publicar o Dr. Leroy de Méricourt a descripção da molestia e o desenho do parasita, dizendo que o observára na Terra-Nova em um official de marinha, vindo de Havana, immediatamente tratou de classifical-o o Sr. Alexandre Laboulbène, collocando-o provisoriamente no grupo Tyrogly-

pho, se bem que persuadido de que poderia elle formar um genero á parte.

Para tratar d'este só parasita, que já merecera a Méricourt uma descripção minuciosa, escreveu então o Sr. Laboulbène uma Memoria.

Não era, porem, unicamente Laboulbène que assim tomava na maior consideração o descobrimento e os estudos de Méricourt, descrevendo o animalculo por este ultimo encontrado, e até denominando-o *Tyroglyphus Mericourti*; já Moquin-Tandon, antes de ter conhecimento da Memoria de Laboulbène, estudára em seus cursos de Zoologia medica o novo parasita, denominando-o *Acaropse*.

Quanto á verificação da molestia e do animalculo, viram-n'os perfeitamente os nossos illustrados Mestres os Professores Rozendo Aprigio Pereira Guimarães, Domingos Rodrigues Seixas e Domingos Carlos da Silva, e o nosso distincto collega e amigo

o sexta-annista de nossa Faculdade, o Sr. José Agnello Leite de Mello.

A segunda observação é a seguinte :

Talvez impressione a alguem o facto de termos sido a um tempo observador e paciente ; mas, se crime ha nisso, n'elle tambem incorreu Dujardin, quando em si proprio tão cuidadosa e profundamente estudou e descreveu o *Demodex folliculorum*, parasita animal que habita o interior dos folliculos pillosos.

Em relação ás estampas, que acompanham esta Memoria, temos a dizer que, na original, que representa a *Filaria dermathemica*, por um descuido do artista que encarregou-se do trabalho, sahiram todos esses animalculos mais grossos do que realmente são, relativamente ao comprimento que figurámos.

A estampa copiada, que juntámos, e que a alguem talvez pareça inutil ou desnecessaria, não o é, entretanto.

Fallando de uma molestia de pelle parasitaria, e apresentando

o animalculo que a produz, não nos pareceu máo mostrar tambem os parasitas animaes outros até hoje bem estudados, e que produzem igualmente affecções da pelle.

Alem disso, referimo-nos, por mais de uma vez, em nosso trabalho, ao *Acarus scabiei* e ao *Demodex folliculorum* — sobre o qual pretendemos em breve publicar algumas observações que temos feito — e convinha figural-os para serem melhor apreciados.

Talvez nos digam então que deveriamos tambem figurar o Oribata, descoberto pelo Dr. Royet (de Saint-Benoit-du Sault), em individuos que manejavam o trigo, em quem produziu este animalculo notavel prurido, e que o Professor Ch. Robin, ao qual enviou o parasita, em 1867, o Dr. Royet, reconheceu ser um individuo octopodo, agamo, parecendo-se com as nymphas dos Oribatas.

Responderemos que, em primeiro lugar, não se tratava de uma verdadeira dermatose, e nem havia penetração do animalculo

na pelle, mas apenas coceira, determinada pela passagem do Oribata por sobre a epiderme. Em segundo lugar, era parasita de um vegetal, que occasionalmente se transmittira ao homem, não sendo, porem, de sua indole o habitar o corpo d'este ultimo.

Quanto a outros parasitas cutaneos, sabemos que Moquin-Tandon, em sua *Zoologia medica*, descreve no capitulo entitulado — *Alguns outros acarianos* — os que abaixo mencionaremos, a respeito dos quaes muito pouco se conhece de positivo :

Dermanysse de Bory — Este arachnneido foi observado, ha annos, em uma senhora, que experimentava, em todo o corpo, coceira viva e insupportavel. Dos pontos irritados sahiam aos milhares acarianos escuros, pequenitos, apenas perceptiveis a olho nú.

Dermanysse de Busk — Este animalculo foi encontrado na planta dos pés de um preto marinheiro, no meio do pús de uma ulcera.

EUTARSE CANERIFORME — Este animalculo foi observado pelo Dr. Hessling, em 1852, na plica polaca. Tem o corpo arredondado, cordiforme, muito obtuso, e como que chanfrado para diante. Tem as patas approximadas, como as dos acaros, e ligeiramente arqueadas. Juntamente com este arachneido, encontrou o Dr. Hessling um outro, de corpo rigido, um pouco afilado para diante e para traz, tendo as patas, como os sarcoptos, dispostas em dois grupos e eriçadas de pellos : é o *Cœlognatho mordente*

O Dr. Hessling não considera estes animalculos como especificos da plica.

Sob o titulo de *especies duvidosas* descreve Moquin-Tandon ainda alguns acarianos, como o descoberto pelo cirurgião Bradsor, no corpo calloso de um soldado, e descripto por Hermann (pae) com o nome de *acarus marginado ;* e os dois encontrados por Láuth na glandula pituitaria do cadaver de um maniaco, e deno-

minados por Hermann *acarus dos celleiros*. São muito pouco conhecidos; quasi nada de importante ha a respeito d'elle.

Não encontrámos, porem, nos tratados que tinhamos á mão, estampa alguma d'estes parasitas, que, alem d'isso, estão, em geral, mal estudados ainda.

Dadas estas explicações, só nos resta encerrar este já tão estirado prologo.

Mais que dissessemos, porem, seria ainda pouco para esboçar o panegyrico d'essa sciencia sublime, que invade as raias de quasi todas as sciencias, e vae dar-lhes a chave de um sem numero de segredos.

Não é em tão breves linhas, e traçadas por tão mal aparada penna, que se conseguirá demontrar o que tem feito, em refe rencia aos conhecimentos humanos, a sciencia microscopica.

Sonhada, em relação ao estudo dos tecidos, por esse genio sublime e assombroso, postado como atalaia do progresso no

principio d'este seculo, e que se chamou — Bichat ; aprofundada por Leeuwenhoek, Kölliker, Virchow, Leydig, Reichert, Frey, Robin, e uma pleiade de robustos talentos, que difficil seria enumerar, a microscopia, para o que até hoje tem já feito, não se compadeceria por certo com um ligeiro panegyrico.

Encerraremos, pois, o nosso prologo, conscio de que ficámos muito aquem do que devêra-se exigir relativamente ao assumpto, tão grandioso e tão vasto.

Pedimos, porem, permissão ao leitor para fazel-o com as seguintes e inspiradas palavras de Chévalier : « C'est un vif plaisir pour un micrographiste de pouvoir, à tous moments, lire un mot de la grande page de la nature. »

MEMORIA

SOBRE

A FILARIOSE

CAPITULO I

HISTORICO

No historico da *Filaria dermathemica* e da *Filariose* julgamos conveniente fazer a transcripção fiel das notas, que habitualmente tomavamos após a observação do parasita.

Parece-nos que essa narração singela, e por ordem chronologica, será talvez de alguma utilidade para aquelles que tiverem depois de submetter ás provas da analyse microscopica as nossas asseverações sobre a *Filaria dermathemica*.

Em todo o caso será a expressão fiel da serie de observações que emprehendemos.

Cumpre, porem, notar que quando a importancia das notas, que houvermos tomado em um ou muitos dias, fôr tal que se contenha já nas observações anteriormente enunciadas, callal-as-hemos

por amor á brevidade e para evitar repetições desagradaveis e sem utilidade.

Começaremos narrando o occorrido no dia 25 de Fevereiro, em que tivemos a fortuna de ver pela primeira vez o parasita.

25 de Fevereiro de 1875

Tivemos hoje occasião de observar um facto que ainda uma vez demonstra a realidade da natureza parasitaria de um certo numero de molestias. Precisando estudar o sangue procurámos extrahir uma gotta do nosso. Lembrámo-nos então que em vez de ferir o dedo, como faziamos habitualmente, podiamos com muito maior facilidade servir-nos de uma escoriação que tinhamos na perna direita. Era esta, como outras mais que ahi e em outros pontos do corpo existiam, resultante da dilaceração pelas unhas de pequenas papulas acuminadas e vermelhas, que ha tempos nos appareciam de vez em quando pelo corpo, acompanhadas do mais vehemente prurido, razão pela qual procuravamos destruil-as escoriando-as vivamente. Na occasião em que procedemos ao exame do sangue estavam ellas reduzidas a uma pequena ferida raza, coberta de uma crôsta espessa, dura e vermelha. Apenas

arrancada a crôsta de uma destas feridas sentimos vivo prurido, a que nos não pudemos eximir de satisfazer, esfregando com força a superficie então denudada. Isto determinou o aprofundamento da mesma, e então, pela irritação produzida, envermelheceu notavelmente a circumferencia da ferida e uma gotta de sangue rutilante cobrio-lhe a superficie.

Apanhal-a com uma pequena espatula, depôl-a sobre a *lamina receptôra* do microscopio, applicar-lhe a *lamina de cobrir*, levar a preparação assim disposta ao campo do microscopio e examinar em continente — foi tudo obra de um momento. O sangue conservou-se pois liquido entre as laminas, e os globulos nadavam livremente.

Por entre estes, todos isolados, não tardou que um grande animalculo nos ferisse a attenção, já pelo descommunal comprimento, já, e principalmente, pelos vivissimos movimentos que executava.

O augmento empregado era de 700 diametros (Nachet), e com este augmento o animal excedia o diametro do campo do microscopio, de modo a ser necessario mover de um para o outro lado a preparação para verem-se-lhe as duas extremidades, a caudal e a cephalica. Destas a primeira era dotada de vivissimos movimentos, que, com inten-

sidade menor se manifestavam tambem no resto do corpo, diminuindo gradualmente para a cabeça, que, no emtanto, movia muitas vezes o animal com grande celeridade, buscando abrir passagem por entre as myriadas de globulos sanguineos que lhe obstruiam o caminho. Os movimentos eram ondulatorios como os das serpentes, porem, como já o dissemos, de uma celeridade espantosa, maxime na cauda. A fórma do animal era, muito approximadamente, a de um verme lombricoide ou ascaride. A côr era opaca, de um branco amarellado, impedindo que se podesse descobrir a estructura da pelle, e muito menos os orgãos ou cavidades interiores. Estes movimentos duraram por longo tempo, e talvez mais tempo levassem si não tivessemos submettido o animalculo a uma forte pressão, que o esmagou. Assim comprimido ainda se contrahia elle, porem lentamente, e afinal de todo se lhe paralysaram as forças, ficando completamente sem acção.

Depois de ter demorado por mais de quatro horas o estudo d'este organismo rudimentar, e de tel-o examinado com diversos augmentos a vêr si com os mais inferiores, e portanto com maior quantidade de luz, podiamos melhor descortinar-lhe a textura; depois, dizemos, d'este trabalho cuidadoso, occorreu-nos proceder-lhe á mensura-

ção, o que de facto executámos com o ocular micrometro, achando em comprimento duas decimas e meia de millimetro ($0^{mm},25$) e em largura seis a nove millesimas ($0^{mm},006$ a $0^{mm},009$).

27 de Fevereiro

Acabámos de observar mais dous vermes ou animalculos parasitarios exactamente iguaes ao primeiro acima descripto. Nada temos que acrescentar em relação ao tamanho, fórma, côr, etc., d'estes microzoarios. Notámos apenas movimentos muito mais vivos do que no primeiro. É quasi incrivel a velocidade com que se movem em todas as direcções estes animaesinhos! É quasi impossivel mesmo acompanhal-os com a vista, tão accelerados e repetidos são seus movimentos!

Encontrámos ambos em feridas resultantes de papulas semelhantes ás já descriptas. Quanto ao primeiro, muito casualmente o deparámos, como da primeira vez; o segundo foi intencionalmente procurado. Em relação ao primeiro eis o que se passou:

Precisando verificar certos factos de observação do sangue, procurámos extrahir uma gotta do nosso. Para isto arrancámos a crosta de uma ferida resultante de papula anterior (não a do pri-

meiro dia, que já estava secca) ; limpámos bem a superficie e esperámos que se formasse uma gotta. Apanhámol-a então, e nella estava o parasita. Cumpre notar que escoriámos profundamente a ferida ; d'onde concluimos que o animal está no fundo. Para o outro, de proposito procurámos uma nova ferida, feita no dia anterior, despedaçando a papula, que era acuminada e vesiculosa no vertice.

Ora, uma vez que o simples quebramento das papulas-vesiculas nas tres que examinámos não bastou para eliminar immediatamente o parasita (e tanto não bastou que depois de formada a crôsta foram achados no fundo da ferida os animalculos), provado está que os microzoarios habitam as partes mais profundas da papula, resultante de sua presença irritativa.

O animalculo apresenta ao microscopio uma côr branca ou de um branco ligeiramente amarellado. Vê-se muito bem que existe uma membrana tegumentar ou cuticula. Aos lados do corpo apparece realmente um duplo contorno bem caracterisado.

16 de Março

Umas duas ou tres papulas mal desenvolvidas, cujo liquido foi rapidamente examinado,

e onde não deparámos com o parasita, concorreram para fazer-nos temer tivesse sido um facto casual a existencia nas tres papulas d'antes observadas dos tres parasitas extrahidos.

Levado por estas ideias, aliás dictadas pela prudencia, e arrimadas no justo receio de annunciar um facto excepcional, resolvemos intentar uma serie cuidadosa de investigações comprobatorias ou verificativas.

Esperámos que se desenvolvessem bem algumas papulas, receiando que nas recentes fosse difficil descobrir o animalculo, e aguardámos a epocha em que um prurido vivo e incommodo nos advertisse do completo desenvolvimento do parasita.

No dia 16 de Março, á noute, dispozemo-nos a um estudo demorado, e começámos a serie de observações de que tanto careciamos.

Na face interna da 1ª phalange do indicador esquerdo tinham-se-nos desenvolvido tres das saliencias que causam o incommodo prurido de que acima fallámos.

Ao emvez de apparecerem sob a fórma de papulas ou vesico-papulas, como as das pernas e outras mais que tinham-se originado em dif-

ferentes partes do corpo, estas haviam começado por simples vesiculas.

Em numero de tres, como já dissemos, estavam duas d'ellas á pequena distancia e uma affastada, já sobre o dorso da phalange.

Cheias de um liquido claro, eram ellas talvez de pouco mais de tres millimetros de diametro.

Um prurido insupportaval havia-nos levado a rompel-as, correndo então um pouco de liquido claro e alguma cousa viscoso.

No dia seguinte estava formada sobre cada superficie escoriada uma pequena crôsta vermelha, que foi arrancada, e assim consecutivamente as que se formaram depois, até o dia em que resolvemos fazer a observação minuciosa.

Servimo-nos n'esse dia apenas de duas das feridas — as mais proximas.

Arrancada a crôsta e escoriada profundamente a superficie, esperámos que se formasse uma gotta de sangue, que com o maior cuidado foi recolhida sobre uma lamina de vidro, caprichosamente aceiada, o que tambem se verificou com a *lamina de cobrir*.

Armado o microscopio modelo ordinario de Nachet com o objectivo 5 e o ocular 1, o que, segundo a escala que acompanha o instrumento,

dá um augmento de 350 diametros, examinámos a preparação.

No fim de algum tempo de trabalho, procurando observar cuidadosamente todos os pontos da preparação, vimos, com grande satisfação, agitar-se o liquido, oscillarem os globulos de sangue e pouco depois apparecer a cabeça de um dos parasitas.

D'ahi a um instante todo o animal estava á tona do liquido, visivel com uma clareza surprehendente, de encantar aquelle mesmo que nunca tivesse manejado o difficil instrumento.

A fórma, os movimentos, o tamanho, a côr, tudo emfim exactamente identico aos tres primeiros observados.

Imagina do prazer experimentado apenas quem conhece o que é o encanto da observação scientifica, quando o espirito vôa ancioso em busca da verdade. A verificação era patente.

Procurámos aproveitar o ensejo e demorámos longo tempo a observação do parasita.

Sempre os mesmos movimentos exasperados, aos quaes mal se podia habituar a vista, tão desordenados e variados eram e tão frequentes.

Ora como a serpente que se enrola sobre si mesma, ora estendido ao comprido, ora movendo só a cauda, ora a cabeça — o parasita apresentava

a vivacidade de movimentos de um d'esses animaesinhos communmente observados na agua doce.

Intentámos tambem, como das primeiras vezes, descobrir a estructura do nematoide, mas não o conseguimos.

Procurámos ver-lhe a extremidade cephalica, e uma ou outra vez pareceu-nos divisar um ponto preto, que figurava ser a bocca; mas isso não mui distinctamente.

Satisfeita a curiosidade, e já esgotado longo tempo em uma observação que nada adiantava sobre o já conhecido, puzemos de lado a peça, e começámos nova tentativa em outras papulas.

Recorremos a diversas, já de ha muito escoriadas em vista do intenso prurido, e onde existiam crôstas, que arrancámos.

Colhido o sangue extravasado de diversas d'entre ellas, passámos a examinal-o.

Appareceu-nos logo no campo do microscopio um, depois outro e em breve um terceiro parasita.

Sempre os mesmos movimentes, côr, fórma, etc.

Ainda n'estes não nos foi possivel descobrir a estructura, si bem que elevado o augmento a 700 diametros (objectivo 5, ocular 3, tubo interno elevado).

Pareceu-nos vêr por muitas vezes a bocca do animalculo, e de algumas tão distinctamente que não nos julgámos mais com o direito de duvidar do facto.

Depois de bem observados os tres parasitas, procurámos examinar o resto da preparação e encontrámos um quarto, um quinto, um sexto, um septimo, um oitavo, um nono, um decimo, e afinal tantos que foi-nos impossivel contal-os, attentos os movimentos desordenados e a difficuldade de vêl-os todos a um tempo, não cabendo mais de dous ou tres no campo do microscopio.

É difficil, se não impossivel, descrever a mobilidade das *Filarias dermathemicas*, e as mil caprichosas e variadas voltas que em todos os sentidos executam.

Chegado a este ponto da observação, lembrámo-nos de experimentar a acção do acido phenico sobre estes parasitas.

Com uma varinha de vidro depositámos uma gotta de acido phenico junto a um dos pontos da peripheria da *lamina de cobrir*, afim de que, por capillaridade, penetrasse toda a preparação.

Immediatamente fixámos uma das *Filarias*, cujos movimentos por mais activos nos feriram a attenção.

Vimos pouco a pouco mover-se a massa do liquido, deslocarem-se os globulos de sangue, no sentido da corrente entrante de acido phenico, phenomeno este bem conhecido de quem tem habito de estudos microscopicos.

A principio o animal, provavelmente pela irritação, entrou a mover-se com a maior actividade. Depois passou a executar movimentos diversos dos primitivos : começou a estender-se. A' medida que ia entrando o acido phenico e se misturava com o sangue, inteiriçava-se a *Filaria*. Então só movimentos convulsivos e intermittentes se manifestavam, e estes, cada vez mais fracos, afinal de todo se dissiparam, ficando o animal completamente distendido.

Este phenomeno foi observado em muitos parasitas, e sempre rapido e identico.

Tudo isto se passou em tres a quatro minutos.

Depois da acção do acido phenico pudemos em dous animalculos, mais superficialmente situados, ver atravez do tegumento um grande numero de cellulas, mais ou menos volumosas, de fórma quasi igual, estendidas em massas rectilineas, de aspecto diverso nos differentes pontos, da cabeça á cauda.

É cousa muito parecida, menos na disposição

ou arranjo, com o que se observa no *Demodex folliculorum.*

No dia 17 pela manhã, indo observar a preparação da noute antecedente, foi-nos possivel reconhecer que o animalculo se compunha de um grande numero de cellulas pequenas, quasi iguaes, sem liquido ou materia amorphã de permeio.

Ao longo do corpo, no sentido do comprimento, via-se um canal, que, partindo da bocca, ia terminar na extremidade caudal do parasita.

25 de Março

Procurámos de novo examinar uma das pequenas feridas, onde era de esperar existisse o parasita.

Fôra esta resultante de uma vesico-papula, ha dias quebrada, e que na noute antecedente, pelo vivo prurido experimentado, obrigára-nos a arrancar a pequena crôsta que a cobria.

Tivemos então o cuidado de deixar seccar o liquido sero-sanguineo que cobria a superficie da ferida, sem escoriar-lhe o fundo, com o intuito de no outro dia arrancarmos a crôsta, que necessariamente havia de fórmar-se.

De feito submettemos a exame na manhã seguinte um gotta de sangue, retirada da papula a

que acima nos referimos, procurando raspar-lhe bem o fundo, e examinámos o liquido ao microscopio.

Tinha séde a ferida na face posterior do braço esquerdo, perto do cotovello.

Encontrámos em breve um animalculo, em tudo parecido com o das observações antecedentes, e dotado dos mesmos movimentos.

Depois de ter reconhecido a identidade do parasita, lembrámo-nos de mostral-o, tal como estava no campo do microscopio, a um collega, que comnosco verificasse o facto, ou nos indicasse a illusão, e onde ou em que podia ella consistir.

Recorremos então ao nosso amigo e collega o Dr. José Agnello Leite de Mello, que passou immediatamente a observar o facto.

Em ponto algum discrepou o nosso distincto collega e amigo das nossas conclusões anteriores.

Com grande jubilo nosso verificou o Dr. Agnello a veracidade de quanto anteriormente e a sós no nosso gabinete haviamos descoberto e observado repetidas vezes com particular cuidado.

Houve mesmo um facto sobre que muito desejavamos a observação de um companheiro, e em que o nosso collega corroborou as nossas observações anteriores.

Como se vio, tinhamos por mais de uma vez

julgado descobrir a bocca do animal, quando fazia este movimentos taes que produzissem-lhe a elevação da cabeça.

Este facto foi perfeitamente reconhecido pelo Dr. Agnello, tal como o haviamos anteriormente observado.

A bocca apparecia como um ponto negro na extremidade da cabeça, e notava-se que esse ponto augmentava ou diminuia, o que claramente indicava os movimentos do animal no sentido de abrir ou fechar essa mesma cavidade.

É um phenomeno facilimo de observar-se, e que sempre notáramos em nossas investigações anteriores.

Depois de termos assim juntos estudado o animalculo, procurámos coral-o, para melhor apreciar-lhe a configuração dos orgãos internos, os canaes de excreção, etc., etc.

Para isso collocámos na *lamina receptora* uma gotta de picro-carminato de ammoniaco, que haviamos preparado segundo as instrucções e formula de Ranvier, e immediatamente corou-se o animalculo de amarello.

Podemos então notar que era elle constituido por um grande numero de cellulas, mais ou menos semelhantes, limitando algumas um canal interior no sentido do grande diametro da *Filaria*,

e que constituia provavelmente o tubo digestivo do animalculo.

Era exactamente o que na ultima observação tinhamos reconhecido com o emprego do acido phenico, e que ficou assim consignado. Submettemos, em seguida, eu e o meu collega, o animal ao exame micrometrico. Servimo-nos do ocular micrometro de Nachet, em que cada divisão com o objectivo 5 dá $\frac{1}{3}$ da divisão do micrometro objectivo de Oberhauser, como verificámos ; o que equivale a $\frac{1}{300}$ de millimetro, ou 3 millesimas de millimetro, reduzindo a decimaes.

Achámos então que o animalculo media $0^{mm},2$ em comprimento e $0^{mm},006$ em largura, em sua parte media.

Como se vê são estas medidas muito approximadas das que primeiro encontráramos a sós : $0^{mm},25$ de comprimento e $0^{mm},008$ de largura na parte media. Cumpre notar que o animalculo morreu instantaneamente logo que o sugeitámos á acção do picro-carminato de ammoniaco.

Emquanto tomavamos estas notas sobre a observação que em companhia do nosso distincto collega acabavamos de fazer, occupava-se este em examinar uma nova gotta de sangue, extrahido de uma pequena ferida da perna direita, donde fôra arrancada a crôsta que a cobria.

Fez-nos então notar o nosso collega que acabava de ver um parasita, mas que um movimento brusco da lamina fizera-o desapparecer do campo de observação do microscopio.

Passámos logo a ver se descobriamos o animalculo e em breve demos com elle e entregamol-a á observação do Dr. Agnello.

Teve elle, pois, a mais propicia occasião de observar os movimentos do animal, cujas caprichosas posições é impossivel descrever.

Pedio-nos em seguida o Dr. Agnello que queria verificar tambem a acção do acido phenico, já por nós antecedentemente estudada, e, satisfazendo-lhe ao desejo, teve occasião de verificar exactamente os mesmos factos: maior excitação da parte do parasita ao primeiro contacto do acido carbolico, enrijamento em seguida, movimentos convulsivos logo depois, e finalmente a morte.

De 27 de Fevereiro a 25 de Março não colhemos em nossas observações quasi quotidianas resultado algum que mereça especial menção. Cada exame do animalculo servia-nos apenas de verificação ao que já anteriormente haviamos concluido a seu respeito. No dia 26, porem, adiantámos muito no estudo d'este importante nematoide, como se verá da descripção que se segue.

26 de Março

Tivemos hoje occasião de mostrar ao nosso distincto Mestre o Sr. Dr. Domingos Carlos da Silva, Professor de Pathologia Externa em nossa Faculdade, não só um animalculo morto, que conseguimos preparar por meio do picro-carminato de ammoniaco, mas ainda, em sua propria presença, chegámos a extrahir dous outros, vivos, de uma papula já escoriada da perna direita.

O primeiro dos animalculos vistos pelo illustrado Professor e por nós n'essa occasião era enormemente grande, muito maior que qualquer dos até então observados ; d'onde concluimos que o parasita póde attingir um diametro longitudinal superior ao que acima apresentámos.

Não houve discrepancia alguma em relação á apreciação da fórma, côr, movimentos, etc., do animalculo, que, em tudo e por tudo, se parecia extraordinariamente com todos os demais anteriormente observados.

Dentro em pouco, e na mesma preparação, descobrimos segundo animalculo, immediatamente reconhecido pelo Sr. Dr. Domingos Carlos, havendo occasiões até em que ambos os animalculos se encontravam, entrelaçando-se em mil diversas e caprichosas voltas.

31 de Março

Tivemos hoje occasião de ver os ovulos do nematoide, o que de ha muito anciosamente desejavamos.

Cumpre, porem, dizer que descobrimol-os quando menos o esperávamos.

Desejando mostrar a dous collegas então presentes os animalculos, abrimos uma papula ainda intacta, rompendo a epiderme que a cobria. Era como nos casos em que anteriormente procuráramos os vermes, dilacerando as papulas recentes ou de nova formação, e onde nunca pudemos descobrir o parasita.

Tratava-se de uma linda papula, do tamanho de uma ervilha, e situada na pelle do cotovello esquerdo.

Com o sangue extrahido d'essa papula fizemos no mesmo instante tres preparações, que examinámos depois successivamente ao microscopio.

O augmento foi de 700 diametros (microscopio de Nachet).

Como acima dissemos, era todo o nosso empenho preparar um ou mais parasitas, afim de mostral-os aos collegas então presentes. Procurámos, pois, em todos os sentidos, e, apezar dos maiores cuidados de observação, não nos foi possivel descobrir uma só *Filaria dermathemica*.

Cumpre dizer que examinámos todas as tres preparações sem deparar com o animalculo.

Passados instantes voltámos á nova busca e foi então que começámos, gradualmente, a descobrir os ovulos.

A razão porque usámos da expressão *gradualmente* se encontrará na mesma descripção que vamos fazer dos diversos tempos da descoberta.

Procuravamos ainda um animalculo, sem nos lembrar-nos que retiráramos o sangue de uma papula recente, ainda não escoriada, quando chamou-nos a attenção uma especie de ovoide, ou antes, de espheroide, achatado lateralmente nos dous extremos, e cujo poder refrangente era extraordinariamente notavel.

Estavamos habituado, e estão-n'o todos os que manejam o microscopio, a ver corpos d'aquella natureza e apparencia refrangente, mas de fórma circular, em geral, e ás vezes irregularmente limitada. São taes suppostos elementos, sabem-n'o todos, bôlhas de ar, que quasi sempre se intercalam ás preparações de liquidos, qualquer que seja a natureza d'elles.

Sabendo, por longa experiencia, de um tal facto, quizemos suppôr que se tratasse realmente de uma bôlha de ar.

Impressionava-nos comtudo e demovia-nos

d'esta supposição a fórma regularmente espheroide da figura, a presença de uma abertura circular em um de seus extremos e um duplo contorno que nos levava a acreditar na existencia de uma membrana bem distincta.

O poder refrangente do espheroide era igual ao de uma bôlha de ar.

A primeira idéa que nos occorreu foi que se tratava de um ovulo, de membrana transparente, cujo conteúdo liquido fôra expellido pela abertura existente em uma das extremidades, sendo então immediatamente preenchida a cavidade por um pouco de ar. Era de crer que o arrebentamento do ovulo tivesse tido lugar no campo mesmo do microscopio, logo ao cobrir a preparação, pois de outra sorte seria sôro e não ar o seu conteúdo (si se tivesse elle rôto na propria papula); ou então tinha-se em algum momento, por uma pressão exercida sobre a *lamina de cobrir*, evacuado o liquido, e a capsula se enchido do ar que existia na preparação em muitos lugares, em maior ou menor extensão.

Pedimos então ao nosso distincto e illustrado Mestre o Sr. Dr. Domingos Carlos que examinasse tambem a preparação e nos esclarecesse a respeito.

Depois de muito observar, comparando sempre

com bôlhas de ar, concluio o Dr. Domingos Carlos que seria arrojado acreditar na existencia de um ovulo ou capsula, quando a cousa se parecia até a confusão, salvo a fórma e a abertura de um dos extremos, com as bôlhas de ar existentes na mesma preparação.

Como tambem não tivessemos uma base solida para sustentar o contrario, antes julgassemos muito razoavel e sensata a opinião do illustre Mestre, abandonámos o estudo do corpusculo, acreditando que não passasse elle de uma das caprichosas fórmas que toma o ar quando intromettido ás preparações microscopicas.

Continuámos, porem, a examinar o sangue, sempre no intuito de encontrar um animalculo.

Foi então que descobrimos o verdadeiro ovulo, muitas e repetidas vezes depois encontrado em differentes pontos das tres preparações.

Appareceu-nos o ovulo sob a forma espheroidal.

Era côr de café, e constituido pela reunião de um grande numero de granulações escuras, unidas por um liquido glutinoso, ou uma ligeira camada de substancia solida, amorpha e transparente, o que deixava melhor destacar essas diversas e numerosas granulações.

Mostrámos então o que suppunhamos ser um

ovulo ao Dr. Domingos Carlos, que cuidadosamente o examinou.

Perto d'este ovulo inteiro estava um partido ao meio. Eram as mesmas a côr, as granulações, a extremidade restante e a configuração do pedaço existente.

O Sr. Dr. Domingos Carlos examinou tambem este pedaço, e suppôl-o igualmente um fragmento ovular.

Continuando este distincto Professor a observar, notou dentro em pouco, e em um ponto diverso da preparação que elle n'esse momento explorava, um outro ovulo inteiro, em tudo semelhante ao primeiro que encontráramos e lhe haviamos mostrado.

Deixámos então de todo a preparação que observavamos e passámos a examinar a segunda das tres feitas com o sangue proveniente da mesma papula. Era nossa intenção vêr se tambem n'esta descobririamos os ovulos.

Dentro em poucos minutos deparámos com um, que immediatamente mostrámos ao Sr. Dr. Domingos Carlos. Sempre a mesma côr, fórma, dimensões, aspecto, etc.

Passámos então á terceira preparação.

Ali fomos encontrar um ovulo, é verdade, mas

com elle descobrimos tambem alguma cousa mais : a sua capsula ou membrana envoltôra.

Via-se metade de um ovulo semelhante aos demais. Esta metade achava-se completamente livre. A outra, porem, ficava envolta em uma membrana branca, que era perfeitamente reconhecivel.

No meio do ovulo via-se o bordo de secção da membrana, irregular, e no sentido longitudinal e em sua parte media um grande rasgão ou fenda, o que dava em resultado a formação de dous retalhos, revirados para fóra.

O Sr. Dr. Domingos Carlos verificou perfeitamente todas estas particularidades, e considerou tambem como a capsula envoltôra do ovulo, rôta por uma causa natural ou accidental, porem desconhecida.

Cumpre dizer que submettemos o ovulo ao exame micrometrico, achando-lhe no comprimento $0^{mm},030$.

Ora, á vista de tanta identidade em diversos corpusculos examinados, e em razão da sua fórma, aspecto granuloso, capsula envoltôra e proveniencia de uma papula suspeita, julgámo-nos autorisados a concluir que se tratava de um mesmo elemento, e este um ovulo.

3 de Abril

Tivemos nova occasião de mostrar ao Professor Domingos Carlos a *Filaria dermathemica*.

Movia-se como as demais até então observadas. Media o mesmo comprimento, pouco mais ou menos, e tinha de largura $0^{mm},006$.

Continuando n'esse dia o nosso illustre Mestre a observar o parasita, chamou-nos a attenção para uma pequena mancha escura, circular, situada no ponto em que começava a cauda, e que reconhecemos ser o orificio anal da *Filaria dermathemica*.

Fixámos por muito tempo o ponto preto, e vimol-o sempre na mesma posição ; o que levou-nos a crer que se não tratava, como talvez se pudesse suppôr, de um elemento qualquer sobreposto ao animal. Em todos os movimentos por este executados, por mais vivos e diversos que fossem, via-se claramente deslocar-se o ponto preto com o animal, sempre na mesma situação.

Seria com effeito o orificio anal?

É o que não podemos com certeza affiançar, pois que, em casos d'esta ordem, nada se pode nem se deve concluir apenas com a observação de um facto destacado, sob pena de incorrer o observador na culpa de leviano e imaginario, a

peior das imperfeições d'aquelle que deseja approximar-se o mais possivel da verdade.

Não estatuiremos, pois, nada por emquanto em referencia ao facto observado, esperando de posteriores e multiplicadas investigações a sancção ou a contestação de tal hypothese.

Não deixaremos, porem, de fazer observar que, no genero *Filaria*, é exactamente no ponto em que começa a cauda, que está situada a abertura anal.

Deixando de lado estas considerações, passaremos a referir o resto da observação n'esse dia.

Precisando bem verificar a acção do acido phenico, lembrámo-nos de, pela terceira vez *, experimental-a.

A solução empregada foi, por não haver no momento outra á mão, mais fraca do que a que anteriormente houveramos experimentado.

Resultou d'isso que o animalculo resistio muito mais, porem veio afinal, no lapso talvez de um quarto de hora, a succumbir.

Verificou-se, pois, a acção parasiticida já duas vezes observada, mas, em razão da maior energia da solução, foi tambem mais lenta a acção produzida.

* Note-se que, uma vez a sós e outra com o nosso amigo e collega o Dr. Agnello, tiveramos occasião de verificar o facto.

Morto o animalculo, podemos observar alguma cousa de sua organisação interna.

Como se sabe, o acido phenico tem a propriedade de separar as cellulas polyedricas de que é constituido o parasita. Cremos que se poderá explicar este phenomeno por uma acção extremamente adstringente ou constrictiva que tenha elle sobre o protoplasma das cellulas, de modo a separal-as umas das outras.

Talvez se possa tambem explicar por uma acção particular sobre a materia amorpha unitiva intercellular, si é que ella existe e as cellulas não se acham em contacto immediato por suas faces correspondentes.

Como quer que seja, o facto é que se podem muito bem ver as cellulas separadas depois da acção do acido phenico, principalmente si é forte a solução empregada.

No caso presente não foi tão notavel a desassociação, devida á fraqueza do soluto empregado.

N'estas condições, pois, excepcionaes em que colloca o corpo do parasita o acido phenico, facil nos foi verificar o que por vezes já haviamos notado, isto é, que existe um canal, que da bocca vae até um quarto, pouco mais ou menos, do comprimento do animalculo.

Quanto ás demais minuciosidades de estructura, nada nos foi possivel n'esse dia adiantar.

20 de Abril *

Observamos pela segunda vez o orificio anal de uma *Filaria dermathemica.* Estava exactamente situado no ponto em que pela primeira vez o descobrira o Professor Domingos Carlos : no ponto de juncção da cauda com o corpo do animal, ou, mais claro, no ponto em que começa a attenuar-se, até terminar como um fio, a extremidade caudal do parasita.

O orificio apresenta-se como um circulo negro orlado de um rebordo branco ; é perfeitamente circular e mede $0^{mm},003$ de diametro.

É necessario fazer notar que o aspecto de um circulo negro orlado de branco não se observa em qualquer altura em que se ache o objectivo em relação á preparação.

Assim, si, depois de se ter observado o orificio anal do parasita como um perfeito circulo escuro

* Cumpre notar que nos dias antecedentes e decorridos da ultima observação escripta continuamos a observar por diversas vezes o nematoide. Como, porem, n'esses exames repetidos não chegassemos a novas conclusões, julgámos inutil referir o resultado d'ellas, uma vez que nada adiantavam sobre o assumpto.

circumdado de um rebordo branco, se faz descer mui docemente o tubo vertical do microscopio (referimo-nos ao modelo ordinario de Nachet), de modo a approximar mui mansamente o objectivo da preparação, chega um momento em que, em lugar de um circulo negro orlado de branco, se observa um circulo claro circumdado de um filete negro.

Isto, porem, se passa quando a preparação deixa de estar no *ponto*, como technicamente se costuma dizer, ou na altura em que se vêem distinctamente as menores particularidades do animalculo.

Fazemos estas notas porque convém prevenir os que quizerem observar o animalculo, e afim de que se não admirem de encontrar uma cousa á primeira vista diversa do que n'este trabalho está escripto.

Não será, certo, difficil de explicar o phenomeno observado, que não deve de modo algum ser extranho ou desconhecido aos que tem habito de manejar o microscopio.

Sabe-se com effeito que fóra do *ponto* o microscopio mostra os elementos extraordinariamente modificados e confundidas as suas particularidades de estructura.

Eis como se explica para o caso vertente a mudança de côr do orificio anal do parasita.

No *ponto*, ou na altura conveniente e adaptada ao observador, e em que lhe é possivel ver *claramente* os objectos microscopicos, apresenta-se a abertura preta ou escura, porque assim sóe acontecer toda a vez que se observa ao microscopio o orificio de um canal ou excavação qualquer.

E não é só ao microscopio.

É geralmente sabido que a abertura de uma grande excavação, como a entrada de uma gruta ou caverna, ou mesmo fóra d'isso a fresta ou oculo de um edificio, etc., apresentam-se, vistos de longe, como orificios negros orlados de uma circumferencia clara, que é constituida pelos rebordos que os limitam.

Pois bem, quando ao microscopio vê-se negro o orificio e branca a orla, é que esse mesmo orificio *está no ponto*, ou na altura em que deve ser visto.

Si, porem, se abaixa o tubo vertical do instrumento, então não é mais o orificio que fica situado no *ponto*, mas sim aquillo que estiver immediatamente abaixo d'elle.

Ora, o que é que se acha exactamente por baixo do orificio? Não póde ser outra cousa se não a parede opposta da membrana limitante ou

envoltôra da parasita, da *pelle* do animalculo si quizerem; mas esta é fina e delgada, ao mesmo tempo que transparente; logo a luz atravessando-a fal-a apparecer ao microscopio como um circulo claro fortemente illuminado.

Quer-se saber agora a razão porque é esse circulo orlado, por sua vez, de preto, quando o negro o era de branco?

Nada mais facil. Basta simplesmente notar que se está vendo essa porção da parede posterior *atravéz o orificio anal do animalculo.* O que quer dizer que nos limites d'esse circulo esclarecido que é ficticio, está a circumferencia do orificio que realmente existe; mas como esta não pode tão facilmente ser atravessada pelos raios luminosos, uma vez que se acha do outro lado do animal, opposto áquelle que é então esclarecido e está no ponto, e notando-se alem d'isso que existe de permeio á luz e esse rebordo toda a espessura do animalculo, claro fica que elle não pode apresentar-se senão anegrado ou escurecido.

Seja qual fôr, porem, a altura em que se observe o orificio, o certo é que sobre a sua existencia não pode haver a menor duvida, uma vez observado tão claramente como nos foi dado fazel-o.

Não terminaremos esta nota sobre as observações hoje colhidas, sem primeiro declarar que a *Filaria* que forneceu-nos occasião de estudar esse orificio tinha sido extrahida da mesma papula de onde no dia antecedente fôra extrahida outra, e de onde hoje mesmo conseguimos tirar em uma gotta de sangue mais tres, vivas e distinctas.

Isto prova que uma só papula pode conter grande numero de *Filarias dermathemicas*, facto já por nós observado em outras occasiões e de que havemos de convenientemente nos occupar na descripção da dermatose.

A papula era situada na verilha esquerda e mal poderia attingir as dimensões de um grão de cevadinha.

Durante quatro e meia horas em que observámos o parasita e o orificio, procurando variar de posição, de augmento, de quantidade de luz, etc., sempre notámos no mesmo ponto e com a mesma conformação esse orificio.

24 de Abril

Tivemos hoje occasião de mostrar a *Filaria* ao nosso distincto e illustrado Mestre o Sr. Dr. Rosendo Aprigio Pereira Guimarães. Foi para nós da maior importancia este facto, porque era mais

um abalizado testemunho que juntavamos aos já existentes. Accresce que o illustrado Professor de nossa Faculdade, o Sr. Dr. Rosendo, tendo pratica de examinar ao microscopio, achava-se nas melhores condições para avaliar os erros que tivessemos commettido, e era a sua autoridade da maior importancia na questão. Para esse fim levámos de casa uma *Filaria*, preza entre duas laminas de vidro em uma gotta de sangue. A preparação, porem, era grande, porque o fôra tambem a gotta de sangue recolhida.

Procurando, pois, a *Filaria* na presença do nosso prezado e illustre Mestre, embalde corremos em variadas direcções o campo do microscopio.

Não se admirará d'isto quem conhecer o que é o trabalho ao microscopio — *mare magnum* onde uma vez perdido um elemento qualquer é quasi sempre em pura perda todo o tempo empregado em procural-o ; razão pela qual recommenda um habil micrographo — que nunca se guarde para outra occasião o exame de uma parte qualquer interessante que se apresente ao microscopio, e sim que se procure logo e logo desenhal-a.

A *Filaria dermathemica*, cujos desordenados movimentos já temos sufficientemente descripto

nas paginas anteriores, havia, como um peixe n'um lago, fusado da superficie para o fundo, ou mergulhado por baixo de algum coalho de sangue como no lago o peixe sob um montão de hervas aquaticas.

Gasta quasi uma hora em inutil busca, resolvemo-nos a escoriar outra papula e esperar do acaso que incluisse na gotta de sangue apanhada a *Filaria*, que tão anciosamente procuravamos.

Achámos com effeito uma, que no mesmo instante apresentámos ao illustrado Mestre, que poude desde então perfeitamente reconhecel-a e estudar-lhe os movimentos.

22 de Maio

A's 9 horas da noute, sentindo, como todas as noutes succedia, insupportavel prurido nos pontos affectados da molestia, arrancámos uma crôsta situada na face externa do braço esquerdo, que mais que todas as outras nos incommodava horrivelmente. Enterrámos fortemente as unhas e n'ellas veio pegada a crôsta, e immediatamente depois uma gotta de sangue negro, que, crescendo com espantosa rapidez, estava quasi a precipitar-se sobre a pelle que lhe ficava inferior.

Notámos então que era extraordinariamente

anegrada a gotta de sangue que correra da ferida, e como tal julgámol-a digna de exame, pois, por experiencia, sabiamos quanto ha a esperar de um sangue anegrado sahindo d'aquelle modo de uma papula de *Filariose.*

Levámo-la de facto ao microscopio, e logo deparámos com um numero extraordinario de *Filarias dermathemicas*, que não chegámos a computar, mas que avaliámos muito superior a cincoenta.

Estavam todas vivas e moviam-se com a maior rapidez.

Assim se conservaram algumas até o outro dia ás 11 horas da manhã, e poucas até ás 4 da tarde. Notámos que as que assim ficaram vivas estavam situadas nos logares onde se conservava fluido o sangue; nos pontos, porem, em que se tinha dado a concentração do mesmo liquido, estavam todas mortas e eram em numero crescido.

23 de Maio

Offereceu-se-nos hoje uma occasião opportuna de mostrar ao nosso illustrado Mestre o Sr. Dr. Domingos Rodrigues Seixas a *Filaria*, e pressuroso aproveitámol-a.

Realmente não era para desprezar um ensejo

favoravel de reunir tão valioso testemunho ao dous outros não menos valiosos que tinhamos já em nosso favor, isto é, o dos illustrados Mestres os Srs. Drs. Domingos Carlos e Rosendo, e ao do nosso amigo e companheiro em algumas observações, o distincto sexto-annista de nossa Faculdade o Sr. José Agnello Leite de Mello.

Mostrámos realmente ao Professor Rodrigues Seixas diversas *Filarias* vivas e outras mortas, provenientes todas de uma só papula, e as mesmas de que demos noticia na nota anterior e que foram extrahidas hontem.

Não satisfeito, porem, porque não haviamos ali mesmo, na presença do Sr. Dr. Domingos Rodrigues Seixas, extrahido o sangue e preparado a *Filaria*, o que tantas vezes executáramos junto ao Sr. Dr. Domingos Carlos e ao nosso collega o Sr. Agnello, resolvemos procurar n'aquella mesma occasião uma *Filaria*, sob a inspecção immediata do Sr. Dr. Rodrigues Seixas.

Procurámos primeiro na mesma papula de onde na vespera extrahiramos o exaggerado numero de *Filarias* de que fallámos, mas, com grande pezar, não conseguimos encontrar uma só.

O sangue que então correu era rutilante e não anegrado como na vespera, em pequena quantidade e levando muito tempo a reunir-se em gotta

sobre a superficie mesma da ferida, phenomenos oppostos aos do dia antecedente.

Corremos tambem baldadamente outras crôstas, que arrancámos, mas donde sempre sahio sangue rutilante, em pequena porção e lentamente.

Cançado já de procurar n'essas pequenas feridas, quasi cicatrisadas, lembrou-nos o distincto Mestre que vissemos se teriamos alguma nas pernas em estado favoravel, isto é, em periodo de completo desenvolvimento, uma vez que as dos braços se achavam quasi seccas e eram mui diminutas.

Examinando então a perna esquerda, lá deparámos com uma grande, espessa e negra crôsta, que arrancada deu lugar á prompta formação de uma grande gotta de sangue quasi preto, onde logo suspeitámos a existencia do animalculo, que realmente lá se achava e foi immediatamente reconhecido pelo Professor Rodrigues Seixas, que deu-se por satisfeito, depois de verificar attentamente a identidade da *Filaria.*

Não devemos passar adiante sem fazer uma observação, ao nosso modo de ver, da mais transcendente importancia.

Houve occasiões em que debalde procurámos o parasita. Horas se succediam então a outras horas; a vista cansava-se á força de attento investi-

gar, e a propria paciencia entrava a esvaecer-se, sem que uma só preparação nos offerecesse o desejado resultado.

Assim gastámos algumas vezes tres, quatro e mais horas, sem o minimo proveito. Um dia mesmo, desejando anciosamente mostrar o parasita ao nosso illustre Mestre o Sr. Dr. Rosendo, trabalhámos das nove horas da manhã ao meio dia e de uma ás cinco horas da tarde sem obter um só parasita !

Outras vezes, porem, tivemol-os em qnantidade extraordinaria. Assim, no dia 12 de Maio mais de doze se apresentaram em uma só preparação, e principalmente na noite do dia 22 de Maio, em que tivemos para mais de cincoenta *Filarias* em uma só preparação !

Como explicar factos d'esta ordem ?

Parece-nos, porem, que não é difficil. Depois de muito observar julgámos poder com bem fundadas razões offerecer uma explicação plausivel do phenomeno.

Com effeito, a pratica de estudar a *Filaria*, pode-se dizer que todo o dia desde aquelle em que tivemos a felicidade de descobril-a, tem-nos feito adquirir conhecimentos aprofundados sobre algumas das mais diminutas particularidades da incommoda *Filariose.*

É assim que de antemão sabemos qual a papula ou ferida que nos dará parasitas, como conhecemos tambem as que poucas ou nenhumas esperanças offerecem.

Toda a vez que o arrancamento da crôsta não deixa formar-se *immediatamente* uma gotta de *sangue anegrado*, que tende a crescer até derramar-se sobre a pelle, somos levado a acreditar que a phase de desenvolvimento é tal que um ou mui poucos parasitas existem na papula ou superficie da ferida, e que, portanto, a sua busca será, se não impossivel, difficultosissima pelo menos.

As feridas que fornecem estes caracteres são sempre séde de viva coceira, e por vezes multiplicadas tem-lhe já o paciente despedaçado a crôsta, que renova-se de continuo pelo dessecamento do sangue extravasado.

Nas papulas ou feridas que apresentam estes caracteres estão os parasitas accumulados em numero extraordinario, e facillimo é então o descobril-os.

Eis, segundo o nosso modo de ver, a chave do problema, a razão porque algumas vezes procurámos debalde o parasita. É que se tratava então de papulas pequenas, recentes, ainda não muito pruriginosas, e onde provavelmente era demasiado

pequeno o numero das *Filarias dermathemicas* residentes.

É um ponto sobre que chamámos a attenção d'aquelles que houverem de estudar mais tarde a nova molestia e seu parasita productor.

CAPITULO II

FILARIA DERMATHEMICA

Tendo no capitulo antecedente feito a relação minuciosa do que se foi passando nos dias em que obtivemos qualquer esclarecimento sobre a estructura da *Filaria dermathemica*, resta-nos agora reunir todos esses elementos esparsos e apresentar a descripção completa do animal, até onde poude levar-nos a observação a que cuidadosamente o submettemos.

Será a primeira parte d'este capitulo.

Em seguida occupar-nos-hemos com a exposição das razões que nos levaram a considerar o parasita descoberto como pertencendo ao genero *Filaria*, e bem assim o fundamento que tivemos para denominal-o *Filaria dermathemica*.

Comecemos, pois, a descripção do parasita.

A *Filaria dermathemica*, parasita cutaneo até hoje desconhecido na sciencia, é um animalculo filiforme, invisivel a olho nú, e umas quarenta a sessenta vezes mais comprido que largo.

A côr do nematoide (de *nema*, fio, e *eidos*, fórma) é de um branco opaco.

Suas dimensões são as seguintes : duas e meia a tres e meia decimas de millimetro em comprimento ($0^{mm},25$ a $0^{mm},35$), e seis a nove millesimas de millimetro em largura ($0^{mm},006$ a $0^{mm},009$).

A configuração do parasita é a de uma pequena serpente, de igual largura em todo o comprimento, salvo a cabeça, que é ligeiramente afilada, e a cauda, que termina-se em alguns d'estes animaes por uma ponta extraordinariamente fina, conservando-se, porem, um pouco obtusa em outros.

Na extremidade cephalica não se descobrem cilios, dentes, tentaculos, mandibulas ou quaesquer outros orgãos de apprehensão. Não se divisam tambem olhos. É, porem, perfeitamente visivel a bocca, que apparece como um ponto negro muito limitado quando o animal tral-a fechada, mas que cresce notavelmente de proporções quando a conserva aberta ou executa,

o que é frequente, movimentos alternativos de abertura e occlusão. N'este orificio não é possivel divisar o menor vestigio de qualquer orgão accessorio, corneo ou membranoso, e se é levado a crer que se trata simplesmente de uma bocca inerme, o que é commum em certas especies do genero *Filaria*. Da bocca parte um canal, que se estende até o quarto pouco mais ou menos do comprimento do animal, onde se perde no meio de uma certa massa granulo-cellular, de reflexo brilhante, e que semelha bem um conteúdo de gottasinhas gordurosas. Este canal, estreito e cylindrico, é o esophago do animalculo, e nunca se o pode distinguir sem o auxilio de reagente appropriado. Entre outros por nós experimentados citaremos o acido phenico e o picro-carminato de ammoniaco, agentes ambos deleterios ao animalculo.

Quanto á constituição interna do parasita, do ponto em que parece perder-se o esophago até a extremidade caudal, não se pode determinar com precisão. Parece comtudo que um canal se estende d'ahi até ao orificio anal, situado no ponto em que começa a cauda. Nota-se, porem, que a estructura do animalculo é completamente cellular, e o acido phenico tem o poder de desaggregar estas pequenas cellulas que o compoem.

A cauda do parasita é pontuda e filiforme em uns e obtusa em outros, como acima o dissemos. A's vezes apresenta-se dobrada em angulo recto na ponta, semelhando uma espicula ou orgão sexual.

O orificio anal, perfeitamente visivel sem reagente, mas exigindo para isso posição favoravel do animalculo, é uma abertura circular, situada exactamente no ponto em que começa o corpo, até então igual, a afilar-se para constituir a cauda.

Quanto ao tegumento ou membrana limitante do nematoide, não apresenta estrias, pellos ou escamas, e é de um branco opaco, facil de observar com um grande augmento.

Os ovulos, de uma côr de café pronunciada, e cheios de pequenas granulações anegradas, teem uma fórma espheroidal e apresentam ás vezes um pequeno achatamento em um dos extremos. Medem trinta millesimas de millimetro de comprimento e um terço d'esta medida ou dez millesimas de millimetro de largura. Acham-se contidos em uma membrana ou capsula, que umas vezes vimos vasia, outras com o ovulo sahindo.

Quanto a movimentos, inutil é accrescentar uma só palavra ao já exposto, por mais de uma vez, no

historico que fizemos no capitulo anterior, contentando-nos apenas com dizer ainda esta vez que eram tumultuosos e variadissimos. Attestal-o-hão, se tanto fôr necessario, os Professores Domingos Carlos, Rosendo e Rodrigues Seixas, e o Dr. Agnello, que, como já em outra parte o dissemos, testemunharam o facto.

Descripto como fica o parasita, passemos á exposição das razões em que nos fundámos para consideral-o como pertencente ao genero *Filaria*, e porque o denominámos *Filaria dermathemica.*

Para procedermos com methodo no estudo desta difficil e importante tarefa de classificação, escôlho onde, em relação a outros parasitas, teem tantos helminthologistas e micrographos distinctissimos sossobrado, vindo depois a luz de um *pequenino* facto casualmente desprezado — o que muito nos consolará, a nós pobre principiante n'esse genero de estudos, se tambem tivermos de seguir-lhes a infortunada trilha — ; para proceder com methodo, diziamos, em tão intrincado e trabalhoso estudo, começaremos por comparar os caracteres do entozoario por nós descoberto com os das *Filarias*, genero do typo *Nematoide*, um dos seis em que divide Davaine todos os *Entozoarios* conhecidos.

Caracteres do genero Filaria (Davaine)	*Caracteres do nematoide por nós descoberto*
1°	1°
Vermes brancos, amarellados ou vermelhos.	Brancos.
2°	2°
Elasticos.	(É difficil reconhecer esta propriedade ao microscopio ; não chegámos a verifical-a positivamente, mas a flexibilidade do animalculo em seus multiplicadissimos movimentos parece comproval-a.)
3°	3°
Cylíndricos, filiformes.	Cylindrico, filiforme.
4°	4°
Muito longos. De 80 a 500 vezes maís longos que largos.	Muito longo. De 40 a 60 vezes mais longo que largo.
5°	5°
Algumas vezes um pouco adelgaçados em uma das duas extremidades.	Adelgaçado em uma das extremidades (cauda).
6°	6°
Cabeça continua com o corpo.	Cabeça continua com o corpo.
7°	7°
Nua ou munida de papillas salientes ou de peças corneas constituindo uma especie de armadura externa ou interna.	Cabeça nua.

8°	8°
Bocca redonda ou triangular.	Bocca redonda.
9°	9°
Esophago curto ; tubuloso, mais estreito que o intestino.	Esophago curto ; não reconhecemos si tubuloso ; não distinguimos perfeitamente o intestino.
10°	10°
Anus terminal ou seguido de uma cauda.	Anus seguido de uma cauda.
11°	11°
Tegumento liso ou finamente estriado transversalmente.	Tegumento liso.
12°	12°
Macho de cauda muitas vezes munida de uma aza membranosa cercando a extremidade ; espicula principal muito longa, mais ou menos torcida ; espicula accessoria ordinariamente torcida e obliquàmente estriada.	Não chegámos a descobrir os orgãos sexuaes, mas notámos que uns animalculos tinham a cauda muito delgada, quasi imperceptivel na ponta e transparente ; que outros, porem, tinham-na obtusa.
13°	13°
Femea de vulva situada muito perto da extremidade anterior ; ovos ellipticos ou quasi globulosos, ordinariamente lisos, de $0^{mm},02$ a $0^{mm},06$ de comprimento ; arrebentando algumas vezes no corpo da filaria-mãe.	Não descobrimos a vulva. Ovos ellipticos, lisos, de $0^{mm},03$ de comprimento.

A' vista d'estes caracteres reconhece-se que o parasita que descobrimos não pode pertencer a outro genero, principalmente se attendermos que em qualquer dos outros cinco typos de Entozoarios, — *Protozoarios*, *Cestoides*, *Trematodes*, *Acanthocephalos e Acanthothecos* — são extremamente diversos, e até ás vezes oppostos ou contrarios, os caracteres, si compararmos com os do nosso parasita microscopico.

A estas considerações de ordem taxonomica accrescem outras, não menos importantes, de distribuição geographica.

A *Filaria*, é, com effeito, um nematoide proprio das regiões tropicaes.

Além disso sabe-se que a principal das *Filarias* ou a *Filaria medinense* penetra pela pelle e vae occupar c tecido subcutaneo.

D'ahi, e da semelhança entre essa *Filaria* gigante (tem ás vezes 4 metros de comprimento) e o nosso nematoide microscopico não parece poder-se concluir que este fecha no minimo o circulo que no maximo começára aquella? *Natura non facit saltus.* É lei da creação.

Mas os extremos se tocam. É, pois, bem natural que, sendo tão semelhantes, pertençam ao mesmo genero — *Filaria.*

Entre nós mais de uma especie d'este genero

tem sido observada. A propria *Filaria de Medina*, que o povo aqui denomina *bicho da Costa*, tem sido muitas vezes encontrada. O mesmo em relação á *Filaria da orbita* (*Loa*, Guyot).

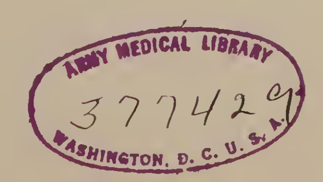
O nosso illustrado Mestre, o Sr. Dr. Rosendo, referio-nos ter extrahido do coração de um pequeno quadrupede uns poucos de vermes, em tudo semelhantes á *Filaria hematica* (*Fil. immitis*, de Leydig), encontrada por diversos observadores nas cavidades cardiacas do cão.

Já se vê, pois, que é muito natural de crer que outras especies do mesmo genero achem, nas disposições climatericas das nossas regiões intertropicaes, as exigidas condições de desenvolvimento e vida.

Toda a questão parece-nos residir em saber-se se o parasita que encontrámos, e que inquestionavelmente é uma *Filaria*, pode ou deve ser considerado como um animal adulto, ou antes como larva de uma *Filaria* de mais desenvolvidas dimensões.

É, confesssamol-o, um ponto muito interessante, e que convem ventilar. Rogamos, portanto, a quem nos ler e julgar, que considere vamos apenas intentar o estudo do assumpto, esperando de futuras investigações a maior luz.

Duas hypotheses se apresentam, ao nosso



modo de ver, e só do embate caloroso de muita discussão, ou após profunda observação e longo meditar, se poderá estabelecer entre ellas victoriosamente a merecida preferencia.

1ª hypothese : *A Filaria por nós descoberta é um entozoario adulto.*

2ª hypothese : *O nosso nematoide não passa de uma larva de certa e determinada Filaria ainda desconhecida.*

Discutamos a primeira.

Se o parasita que descobrimos na pelle tem todos os caracteres (salvo a ausencia de sexo) do genero *Filaria*, havemos de negar-lhe a qualidade de animal adulto só porque é infinitamente pequeno ?

Decididamente não.

Seria uma *Filaria microscopica* d'esse mesmo genero, de que se poderia considerar *Filaria gigas* a Filaria de Medina.

Isto não repugnaria ao espirito, ainda quando apenas se conhecesse a *Filaria de Medina* e agora o nosso nematoide, porque ninguem ignora que, em uma mesma classe de animaes ou vegetaes, colloca a natureza o maximo junto ao minimo, portentosa lei, que lhe valeo o já citado *Natura non facit saltus*, que é uma verdade na ordem

metaphysica, como na dos conhecimentos positivos.

Mas, para corroborar este argumento, estude-se o genero *Filaria*, e ver-se-ha que até hoje teem-se descripto pelo menos oito *Filarias*, cujas dimensões vão gradualmente descendo, sem contar mesmo a *Filaria de Medina*.

1ª F. do cavallo	5 a 18	centimetros
2ª F. hematica.	12	»
3ª F. da orbita (Guyot)	32	millimetros
» » » (Lestrille). .	30	»
4ª F. dos bronchios.	27	»
5ª F. do olho do cavallo	22	»
6ª F. lacrimal (femea).	20 a 22	»
» » (macho) . . .	15 a 16	»
7ª F. de tres espinhas	7	»
8ª F. lentis (Nordmann). . . .	13	»
8ª F. lentis (Gescheidt)	13	»
	4mm,30	»
8ª F. lentis (Nordmann) . . *	1mm,63	»

Ora, se de 4 metros, que apresenta a *Filaria de Medina*, se passa (sem contar as gradações d'esta especie) a 18 centimetros na *Filaria do cavallo*, e depois, de especie em especie, sempre descendo, até 1 millimetro e 63 centesimas millesimas

* Vid. Davaine, obr. cit. pag. LXXII a LXXVI.

na *Filaria lentis* — porque razão se não poderá chegar até duas ou tres decimas de millimetro na *Filaria dermathemica*?

Será porque não apresente ella orgãos sexuaes ?

Mas isso é o que ainda se não verificou ao certo.

As nossas observações, é verdade, não os conseguiram demonstrar, mas não é sobre tão fraco esteio que se deve firmar uma conclusão de que não existam. E, demais, não se sabe que as *Filarias* teem a vulva muito perto da bocca ? Não se sabe tambem que, quanto mais descem na escala micrometrica, mais simples se tornam os animaes, a ponto de irem gradualmente desapparecendo o systema nervoso, o muscular (systemas aristocraticos no pensar de um grande sabio), e, successivamente, os vasos, os orgãos de secreção, etc., etc., sempre em proporção decrescente, até a simplificação ultima na cellula do humilde *Zoophito* ?

Que muito é, pois, que, ao percorrer da escala, na simplificação continuada, desçam as especies até aquella em que haja confusão de dous orificios, e estes sejam a bocca e a vulva?

Julgamos este ponto tão conhecido, que não nos cançaremos em amontoar exemplos.

O proprio Davaine, em referencia ás *Filarias*,

parece presentir esta fusão quando, tratando dos caracteres geraes do genero, diz — « quelquefois la vulve est *tout auprès* de la bouche ». *

É tambem o mesmo autor quem, a proposito da *Filaria do olho humano*, e referindo-se á descripção de Gescheidt, diz — *a vulva d'estes parasitas formava uma cloaca com o anus.* **

Eis aqui um meio que poderia solver muito bem a difficuldade, mas como este são innumeros os exemplos.

Quanto ao orgão masculino, talvez não fosse de todo fóra de proposito lembrar que ha duas especies, ou melhor, variedades de *Filaria dermathemica* nas que descrevemos: umas de cauda romba e outros de cauda afilada, extremamente pontuda e transparente. N'esta ultima não se poderia ver uma *espicula terminal?* ***

Demais, ainda ninguem descreveu, que o saibamos, os orgãos sexuaes do *Demodex folliculorum* ****, e nem nunca os vimos tam pouco, mas não nos consta que por isso se tenha deixado de considerar o *Demodex* um animal adulto, e que ao contrario o tenham feito larva de algum Acariano.

* Obr. cit., pag. LVIII.
** Obr. cit., pag. LXXII.
*** Vid. a estampa original.
**** Vid. a estampa copiada.

Pedimos aos leitores que reflictam sobre o *simile*.

Se, porem, apezar dos argumentos apresentados, parecer a alguem que concluimos depressa e sem criterio, quando classificámos o animal de adulto, pediremos permissão para dizer, que irá tambem a pécha recahir sobre o sabio Davaine, que não trepidou em considerar *Nematoides no estado perfeito* * Filarias cujo sexo não foi visto.

Com effeito, descrevendo, segundo Guyot, que tambem não diz que seja larva, a Filaria da conjunctiva — *Filaria da orbita* — ao chegar aos orgãos genitaes, substitue-os o autor por uma interrogação. Cremos, porem, que um simples ponto de interrogação não corta a difficuldade.

Passemos agora á segunda hypothese: *o nematoide não passa de uma larva de certa e determinada Filaria ainda desconhecida.*

Confessamol-o sinceramente: discutimos esta hypothese por amor ao methodo positivo, que adoptámos n'este trabalho; mas para nós é repugnante ao espirito admittil-a.

Como se deve ter deprehendido da precedente discussão, o que pode mover o espirito a acreditar na existencia de uma larva é, simples-

* Obr. cit., pag. LXII,

mente, a falta de orgãos sexuaes no parasita.

Podem suppôr então os que quizerem admittir esta hypothese, que o animalculo, agámo (ou sem sexo), é apenas uma larva de uma *Filaria* existente no organismo, ou fóra d'elle.

Examinemos os dous casos.

Si existe no mesmo individuo essa *Filaria-mãe*, onde reside? Está bem visto que não poderia ser senão na pelle, uma vez que os ovulos lá foram encontrados, no intimo de uma papula. Mas esta supposta *Filaria* nunca a encontrámos, nem vestigio pathologico de sua existencia. Como, pois, admittil-a?

Fóra do organismo é mais sensata a hypothese.

Sabe-se muito bem que certas especies do genero *Gordius*, onde, a principio, incluira Linnêo a *Filaria de Medina*, passam uma parte de sua vida como parasitas no corpo de certos insectos, no estado agamo, para, depois de ahi desenvolvidos, voltarem á terra, d'onde haviam sahido, e, cohabitando, reproduzirem-se.

Com a propria *Filaria de Medina* parece dar-se um facto um pouco semelhante, porquanto os embryões que n'ella se formam, emquanto contida no corpo do homem, são inaptos para ahi viverem e se reproduzirem, o que provam os factos de

ruptura de *Filarias* cheias de embryões, no interior do sacco que ellas occupam, ou do tumor que determinam, sem que esses embryões cresçam ou se reproduzam.

Procurando um exemplo mais comesinho, e que é de todos nós conhecido, veremos que, no *Pullex penetrans* ou *Bicho de pé*, só a femea é parasita do homem ou dos animaes, e isso quando fecundada. A inclusão no individuo estranho tem por fim permittir-lhe o desenvolvimento dos embryões, os quaes sahem depois, para se fecundarem fóra, e penetrarem de novo unicamente as femeas.

Será, pois, um facto semelhante ao dos *Gordios* o que se dá com este nematoide?

Não se o pode admittir, uma vez que foram, junto ao parasita, descobertos os seus ovulos.

Este unico argumento basta para destruir a hypothese.

Por emquanto, pois, ficaremos acreditando que as *Filarias dermathemicas* são animaes adultos, e uma nova especie a incluir no genero *Filaria*.

Esta idéa, porem, que por emquanto sustentamos, nada tem de systematica, nem impedirá que continuemos a procurar um outro animalculo, de que possam se considerar estes como larvas.

N'um trabalho d'esta ordem havia necessidade

de definir bem as idéas que tivessemos *no momento* sobre cada facto, mas, em sciencia, a idéa abraçada hoje com enthusiasmo pode muito bem rolar amanhã no pó do esquecimento, uma vez que surja outra melhor, ou mais approximada da verdade.

É, porem, já occasião de passarmos á terceira parte d'este capitulo, ou á justificação do qualificativo — *dermathemica* — addicionado ao termo generico — *Filaria*, — com que denominámos o nosso parasita.

Quando tratámos de procurar um nome, que designasse a especie nova, surgio-nos logo á mente a idéa de qualifical-a de modo que ficasse em condições de exprimir qualquer cousa do que se passasse de mais importante no facto morbido, que essa mesma especie de *Filaria* determina sobre a pelle.

Ora, como se verá da descripção da molestia, esse facto mais importante é, inquestionavelmente, a papula que ella determina. Mas essa papula, que jamais se abscéda ou suppura, isto é, que jamais se converte em pustula, é resultado de um accumulo de sangue no proprio tecido da derma, de uma congestão limitada da pelle, nos pontos elevados, congestão local esta que reconhece por causa a irritação que determina o parasita.

Ora, como se sabe, a congestão para a pelle é conhecida na sciencia pela palavra *dermathemia* ou *dermohemia*, de dous radicaes gregos, *derma*, pelle, e *aima*, sangue ; logo, entendemos que poderiamos exprimir bem o caracter principal da acção da *Filaria* sobre a pelle denominando-a *dermathemica*.

Havia, alem d'isso, a vantagem de evitar um neologismo, o que é sempre da maior importancia em uma sciencia, como a medicina, onde a technologia é tão extensa.

CAPITULO III

FILARIOSE

Neste capitulo occupar-nos-hemos com a *Filariose*, ou a molestia que determina sobre a pelle a *Filaria dermathemica.*

Antes, porem, da descripção minuciosa d'esta affecção cutanea, seja-nos permittido apresentar as razões que nos levaram a denominal-a *Filariose.*

Haverá, em medicina, uma regra certa e determinada, que guie os passos do medico ou do pathologista, quando uma nova entidade morbida se apresenta, reclamando fóros de acceitação no grande quadro nosologico?

E quando essa molestia fôr uma verdadeira affecção parasitaria, em que convenha indicar

juntamente o nome do animalculo ou vegetal parasita que a produz ?

Regra geralmente acceita e logica, não n'a conhecemos por ora na sciencia, o que não admira, quando de leve se reflecte na confusão, em que se acham immersos ainda os primeiros conhecimentos sobre esses organismos inferiores, tão engenhosamente designados por Hæckel — *organismos sem orgãos*, referindo-se aos *monera* e aos *amœba*.

Se, realmente, em relação ás bacteries, bacteridies, vibriões e microzymas não está completo o estudo, como querer a luz em questões especulativas, que só podem e só devem ser alumiadas pelos raios emanados do campo da observação e da experiencia ? !

Não pensemos, pois, em regra definitiva, logica, philosophica mesmo, que sirva para todos os casos, e em que achem elles cabal e peremptoria adaptação.

De um sem numero de circumstancias tem nascido, e continuará por muito tempo a originar-se, a technologia da sciencia das molestias, e os animalculos parasitarios, causadores d'affecções especiaes, bem como os vegetaes de igual jaez. irão, a capricho, recebendo a imposição dos descobridores, ou

a denominação, quasi sempre absurda e inconsequente, que lhes assigna o povo.

Na technologia medica, porem, é muita vez o parasita que dá o nome á molestia, que elle produz e determina.

É assim que, genèricamente fallando, se emprega a palavra *Helminthiase* para indicar as molestias causadas por entozoarios ; que *Verminose* indica a affecção produzida pelos vermes intestinaes, etc.

Ultimamente, com a descoberta, por Hilton, da *Trichina spiralis*, cuja descripção se deve a Owen, entenderam de chamar á molestia por estes entozoarios produzida — *Trichinose*.

Deixando-nos, pois, levar pela analogia, propomos a palavra *Filariose* para designar a molestia produzida pela *Filaria dermathemica*.

Parece-nos que, com estas duas denominações, temos por assim dizer apontado os dous mais interessantes factos da molestia.

Com effeito, pela só denominação *Filariose*, ficar-se-ha logo sabendo que se trata de uma molestia produzida por uma *Filaria*, e o qualificativo *dermathemica*, d'esta ultima, fará *immediatamente* concluir-se que o facto morbido capital é uma congestão da derma.

D'este modo julgamos ter justificado a denomi-

nação, que propuzemos para a dermatose estudada.

Dito isto passemos á descripção da molestia.

Pathogenia — A pathogenia da *Filariose* é de intuitiva e facil explicação, uma vez bem comprehendida a natureza do animalculo que a produz.

Estudaremos o facto desde o seu começo, e procuraremos, o mais naturalmente possivel, acompanhar a marcha da molestia.

Começaremos por demonstrar que o ovulo ou o animalculo penetram pela pelle. Em seguida explicaremos a producção da papula, resultante de sua intromissão e estada na espessura da derma, e terminaremos explicando o modo por que se transmitte e generalisa o mal.

Segundo as nossas medidas, tem o animalculo $0^{mm},25$ a $0^{mm},35$ de comprimento, sobre $0^{mm},006$ a $0^{mm},009$ de largura.

O ovulo mede em seu maior diametro $0^{mm},03$.

Vejamos se existem, normalmente, na pelle, aberturas, que admittam a passagem de elementos ou animalculos das dimensões supracitadas.

Existem na superficie da epiderme, dando communicação para a derma, duas ordens de orificios: os das glandulas sudoriparas, e os dos folliculos pillosos e glandulas sebaceas.

Muito propositalmente confundimos os orificios das glandulas sebaceas com aquelles por onde

passam os pellos, porque, ou as glandulas sebaceas, muito reduzidas de volume, se abrem nos folliculos pillosos, desembocando então na epiderme pelo orificio d'estes, o que é mais commum, ou o inverso se dá, e é um pequeno pello que penetra pelo orificio de uma glandula sebacea, então muito desenvolvida, até encaixar-se em uma das anfractuosidades, que formam o fundo d'esse genero de glandulas.

Assim, pois, aos grandes pellos se addicionam pequenas glandulas sebaceas, e ás grandes glandulas sebaceas se addicionam pequenos pellos.

Exceptuando raros pontos da pelle, como o bordo livre dos labios, o mamillo, etc., pode-se dizer — que a cada pello correspondem pequenas glandulas sebaceas, e a cada glandula sebacea volumosa corresponde um pello.

Isto tem por fim apenas demonstrar, que é o mesmo o orificio dos folliculos pillosos e o de excreção dessas glandulas, na superficie da epiderme.

Admittido isto, vejamos as dimensões d'estes orificios.

Nas glandulas sudoriparas mais pequenas, o orificio externo do canal excretor é de $0^{mm},009$ a $0,^{mm}022$ (Kölliker) *, ou de $0^{mm},015$, na media, (Fort) **. Nas glandulas volumosas é de $0^{mm},100$

* Elem. de hist. hum., trad. franc. por Marc Sée, 1868, pag. 185.
** Trat. de hist., 1873, pag 715.

a $0^{mm},150$ (Fort) *. Davaine **, sem especificar o tamanho das glandulas, e referindo-se a ellas em geral, diz, que a *larva da Filaria* (de Medina), *tendo de diametro em espessura* $0^{mm},01$, *pode sem duvida introduzir-se no conducto excretor de uma glandula sudoripara, cujo calibre é de* $0^{mm},01$, *e provavelmente mais consideravel nos paizes quentes.*

Vê-se, pois, que, ainda pelo orificio das glandulas mais pequenas, cuja media é $0^{mm},15$ (Fort), pode passar um animalculo cujo diametro não excede de $0^{m},006$ a $0^{mm},009$. Admittido mesmo que todos os orificios medissem o minimo do diametro das pequenas glandulas $0^{mm},009$ (Kölliker), ainda-assim era possivel a entrada do animal.

Cumpre agora observar que estamos tomando o *minimo* do diametro das *menores* glandulas. É preciso não esquecer que existem orificios, os das grandes glandulas, de $0^{mm},100$ a $0^{mm},150$ (Fort).

Em relação ao ovulo, o diametro transverso, comquanto maior que o do animalculo, não poderá nunca exceder de $0^{mm},015$, media do orificio das pequenas glandulas, se mesmo a tanto chegar ; e quando assim fosse, nunca attingiria as

* Ibid.

** Trat. dos entozoarios, 1870, pag. 711.

$0^{mm},100$ ou $0^{mm},150$ do orificio das maiores glandulas.

Quanto ao orificio dos folliculos pillosos, sabe-se que é possivel por elles a entrada do parasita, ou a intromissão do ovulo : « Um pello da perna, diz Davaine *, tem oito centesimas de millimetro de diametro, mais ou menos, e acha-se implantado no folliculo bastante frouxamente, para que o embryão da *Filaria* (de Medina, que tem, segundo o mesmo autor, $0^{mm},75$ de comprido, sobre $0^{mm},01$ de largo) possa introduzir-se, sem difficuldade, entre a bainha e a raiz. » Ora uma *Filaria dermathemica* tem menos de $0^{mm},01$ de diametro ($0^{mm},006$ a $0^{mm},009$).

Eis, pois, segundo o nosso modo de ver, como penetra o animalculo na pelle.

Ahi chegado, produz elle immediatamente os effeitos de um corpo estranho entranhado na derma : irrita-a.

A consequencia natural e forçada d'esta irritação é uma dermatite, com ou sem exsudação sub-epidermica (vesicula ou papula) , e produzindo sempre notavel endurecimento peripherico, no ponto em que reside o parasita, fóco d'onde parte a irritação.

Eis como entendemos a producção da papula, que caracterisa a dermatose.

* Loc. cit.

Produzida esta *congestão* para a pelle, esta *hyperemia cutanea*, facto capital na caracterisação da molestia, e que valeu ao animalculo a denominação que lhe demos de *Filaria dermathemica*, ou parasita que produz *dermathemia*, isto é, *congestão para a pelle;* produzido este phenomeno, iamos dizendo, pode-se considerar como completamente desenvolvida, em plena phase de adiantamento, a molestia que estudamos.

É isto da maior importancia em bem determinar-se, porquanto, é sem duvida alguma o caracter *papuloso*, ou simplesmente *congestivo* da affecção, o que a caracterisa, e estabelece-lhe a differença para com outras affecções de pelle, onde este facto se não dá.

Depois de produzida a papula, fica estacionario o mal. Não ha irritação bastante para dar em resultado pús ; a suppuração não é da essencia da *Filariose.* Pode complical-a, mas será um epiphenomeno, ou melhor, o resultado immediato da irritação e dilaceramento, pelas unhas, da papula inicial.

Resta-nos agora dizer que a ruptura, com extravasação sanguinea, de uma ou muitas papulas, derramando e espalhando, *ipso facto*, sobre a pelle e as roupas, ovulos e animalculos, explica satisfactoriamente a generalisação da molestia a todos os pontos da superficie cutanea.

Aqui, como na *sarna*, na *mentagra*, na *tinha favosa* e *tonsurante*, etc., etc., é o mesmo o processo da contagiosidade.

O derrame de um sem numero de ovulos pela cama onde descança o doente, pelas roupas em que se envolve, pelos moveis e utensilios de que usa — eis a causa da generalisação da *Filariose.*

Parece-nos que estas linhas devem já ter adiantada alguma cousa sobre a *pathogenia* da molestia, e nutrimos esperanças de aprofundar mais tarde estes estudos, quando maior numero de casos se nos offerecerem á observação.

Quanto á *Etiologia*, inutil é insistir sobre este ponto : que a causa determinante da *Filariose* é a *Filaria dermathemica.* Submetter tal assumpto á discussão seria o mesmo que duvidar de que o *Acarus* ou *Sarcoptes scabiei* seja a causa productora da *sarna*, o *Demodex folliculorum* do *rouget*, nos cães, o *Tricophyton tonsurans* da *tinha tonsurante* e da *mentagra*, o *Achorion Schœnleinii* da *tinha favosa*, etc., etc.

Antes, porem, de terminar o capitulo dedicado á *pathogenia da Filariose*, seja-nos licito discutir uma questão importante, e que talvez não achasse em outra parte mais adequado logar, que este em que se trata tantas vezes do *ovulo* da *Filaria dermathemica.*

A proposito d'esses ovulos cumpre, realmente, notar, que não existe desproporção entre as suas dimensões e as do parasita, comquanto, á primeira vista, assim pareça.

Fazemos esta observação com referencia áquelles que julgarem poder-se talvez attribuir os ovulos observados e descriptos, no capitulo anterior, a um outro parasita, attenta tal desproporção.

Para demonstral-o argumentaremos por analogia, comparando com o que se dá com o *Sarcopto* da sarna.

Ora, segundo as expressões de Moquin-Tandon, *os ovos (* do *Sarcopto* da sarna *) são enormes, compara 'os com o volume do parasita-mãe; apresentam, na occasião da postura, pelo menos o terço do comprimento do animal.* *

Com effeito, as dimensões do *sarcopto* feminino são, segundo diversos autores, as que abaixo transcrevemos:

	COMRRIMENTO	LARGURA
Littré e Robin..........	$0^{mm},30$ a $0^{mm},37$	$0^{mm},22$ a $0^{mm},26$
Moquin-Tandon.........	$0^{mm},33$	$0^{mm},25$
Gervais e Van-Beneden .	⅓ de millimetro ($0^{mm},33$)	¼ de millimetro ($0^{mm}.25$)
Hardy.............. ...	de millimetro ($0^{mm},33$)	¼ de millimetro ($0^{mm},25$)
Niemeyer **	$0^{mm},33$	$0^{mm},25$

* Moquin-Tandon — *Éléments de Zöologie Médicale* — Paris, 1860, pag. 389.

** Vid. as seguintes obras: Littré et Robin, Dictionnaire de Médecine, Paris, 1873, pag. 1379. — Moquin-Tandon, Éléments

Ora, como se vê, a medida d'estes diversos autores é, por assim dizer, identica, porque, a exceptuar Littré e Robin, que dão, no seu Diccionario, $0^{mm},37$ de comprimento, e $0^{mm},26$ de largura, no maximo, os outros todos dão $0^{mm},33$, em comprimento, e $0^{mm},25$, em largura.

Ora, deve-se notar que a differença é apenas de $0^{mm},04$ em comprimento, e de $0^{mm},01$, em largura.

Vejamos agora as dimensões do ovulo, para depois demonstrarmos, por algarismos, o que acima dissemos e corroborámos com a grande autoridade de Moquin-Tandon.

Eis as dimensões do ovulo do *Sarcoptes scabiei* :

	COMPRIMENTO	LARGURA
Littré e Robin	$0^{mm},15$	$0^{mm},09$
Moquin-Tandon	$0^{mm},2$	$0^{mm},1$
Gervais e Van-Beneden..	....	....
Hardy	$0^{mm},168$	$0^{mm},114$
Niemeyer *	....	....

Vê-se d'aqui que o ovulo tem, reduzindo as dimensões dos diversos autores citados a millesimas de millimetro, para facilitar a comparação,

de Zoologie Médicale, Paris, 1860, pag 286. — Gervais e Van-Beneden, Zoologie Médicale, Paris, 1859, pag. 464. — Hardy, Nouveau Dictionnaire de Médecine et de Chirurgie pratiques, tom. XV, Paris, 1872, pag. 570. — Niemeyer, Traité de Pathologie Interne, trad. franc., Paris, 1869, pag. 563.

* Vid. Littré et Robin, obr. cit., pag. 1380. — Moquin-Tandon, obr. cit., pag. 289 — Hardy, obr. cit., pag. 571.

de $0^{mm},150$ (Littré e Robin) a $0^{mm},168$ (Hardy) ou $0^{mm},200$ (Moquin-Tandon, em comprimento), e $0^{mm},090$ (Littré e Robin) a $0^{mm},100$ (Moquin-Tandon) ou $0^{mm},114$ (Hardy), em largura.

Pois bem, ainda admittindo que d'estes autores tenha apenas razão o que dá os menores algarismos, ou $0^{mm},150$, em comprimento, e $0^{mm},090$, em largura, ainda assim, se verá que existe, como acima dissemol-o, notavel desproporção entre a femea do parasita e seu ovulo, o que passamos a demonstrar.

Para esse fim sigamos um processo inteiramente opposto ao que acabámos de adoptar para o ovulo, e tomemos apenas como verdadeiros os algarismos mais elevados, d'entre os acima apresentados. Serão esses os de Littré e Robin, que dão $0^{mm},370$, de comprimento, e $0^{mm},260$, de largura, ao parasita (reduzindo ainda a millesimas de millimetro).

Note-se bem que, para destruir pela raiz toda a objecção, sirvimo-nos, em relação aos ovulos, das dimensões mais exiguas, ao passo que, em relação ao parasita-mãe, apresentámos as maiores. Mais simplesmente, suppomos, na comparação que vamos fazer, o mais pequeno ovulo em relação com o mais volumoso parasita.

Pois bem, ainda n'estas circumstancias, que

são talvez a excepção da regra, vê-se que um parasita de $0^{mm},370$, em comprimento, e $0^{mm},250$, em largura, põe um ovo de $0^{mm},150$, em comprimento, sobre $0^{mm},090$, em largura, ou *de muito mais de um terço do comprimento, e de um pouquinho mais de um terço de largura* (0,006).

Simplificando ainda mais, e desprezando o pequeno excesso que ha em favor do ovulo, poderemos dizer, que o ovulo do *Sarcopto* da sarna é, não só em comprimento, mas tambem em largura, do tamanho de um terço do animal donde provem !

Vê-se, conseguintemente, quão acertado é o calculo de Moquin-Tandon, que acima transcrevemos.

Tudo isto, que talvez tenha parecido extraordinariamente prolixo, é da maior utilidade, diremos mesmo, da maior necessidade, uma vez que se torna preciso demonstrar, com um exemplo conhecido, que não ha desproporção entre o ovulo por nós observado e o parasita ao qual o attribuimos.

Devemos, porem, fazer agora observar, que não é em relação ao comprimento do ovulo e do animalculo, por nós estudado, que receiamos descubra quem quer que seja a menor desproporção — o que se poderia aliás dizer do *sarcopto* da sarna — mas sim em relação aos diametros transversos.

Com effeito, o diametro de um ovulo da *Filaria dermathemica* mede $0^{mm},030$, em comprimento, e $0^{mm},010$, em largura. O animalculo apresenta por sua vez $0^{mm},250$ a $0^{mm},350$, em comprimento, e $0^{mm},006$ a $0^{mm},009$, em largura.

Em primeiro logar, sabe-se que as *Filarias* (referimo-nos a todo o genero) são elasticas, e, em segundo, deve-se notar que o *sarcopto* da sarna, por uma vulva de $0^{mm},085$ (Littré e Robin), põe um ovulo de $0^{mm},150$ de comprimento e $0^{mm},090$ de largura (segundo o mesmo autor).

Quanto á elasticidade da *Filaria dermathemica*, parece-nos que nos dá todo o direito a admittil-a, e bem notavel, a multiplicidade de movimentos do parasita, quasi simultaneos, e em todas as direcções.

Sem muita elasticidade o animalculo não se poderia, inquestionavelmente, contorcer tão vivamente, e nem tampouco dobrar-se sobre si mesmo com a presteza e agilidade que sempre observámos.

Procurando um outro exemplo de desproporção entre o ovulo e o parasita, citaremos o *Demodex folliculorum*, que muitas vezes temos examinado, e do qual diz tambem Moquin-Tandon, que seus *ovulos são enormes, relativamente ao tamanho do animal*, opinião esta que o autor attribue, acceitando-a, a Lanquetin.

No estudo do *parasitismo morbido* ha ainda muitos pontos a esclarecer, e, certo, os da ovulogia e germinação não se podem considerar os mais sabidos. Todo o estudo, pois, sobre um tal objecto é sem duvida da maior utilidade, e indispensavel até para a elucidação de importantes questões, que affectam ao mesmo tempo á zoologia e á medicina.

Isto basta para explicar a prolixidade com que nos houvemos em relação a este assumpto.

SYMPTOMATOLOGIA — Descripta a *Filaria*, productora da molestia, e estudada a sua pathogenia, cumpre que, a largos traços, esforcemo-nos por apresentar um quadro synoptico d'esta doença, tão incommoda, se bem que em seu prognostico pareça ser da maior benignidade.

O primeiro symptoma é a apparição de uma vesicula, de uma papula ou de uma vesico-papula bem caracterisadas.

A vesicula, que, como se sabe, consiste em uma pequena elevação da epiderme, ou antes, da camada cornea ou inerte da epiderme — porque o corpo de Malpighi nada tem que vêr com o phenomeno do descollamento — e interposição de um liquido citrino ou soroso, mas nunca sanguinolento ou puriforme, é uma das fórmas do

apparecimento da molestia. Outras vezes, porem, uma pequena saliencia cutanea, nunca superior em dimensões a uma ervilha, e produzida pela infiltração congestiva da derma, é o primeiro signal da dermatose. É a fórma simplesmente papulosa.

Outras vezes ha a confusão das duas variedades : sobre uma papula bem caracterisada assenta uma vesicula de liquido transparente.

Existem, pois, tres fórmas da molestia : a *vesiculosa*, a *papulosa* e a *vesico-papulosa*, que nos parece a mais commum.

Acompanha inevitavelmente esta erupção, e é o que primeiro conduz á sua descoberta, um vivo prurido, que obriga o paciente a satisfazel-o em continente, despedaçando a vesicula, ou exfoliando a epiderme que reveste a papula.

Cessa então por um instante a coceira, para voltar depois com maior intensidade ; e isto continua-se por muitos dias, se não attinge mesmo mezes de incommoda duração.

Ha uma particularidade muito singular n'esta dermatose, que cumpre referir. O prurido, cuja vehemencia é, como já ficou dito, de uma intensidade verdadeiramente insupportavel, torna-se ou mostra-se mais vivo e irresistivel quando o individuo muda de vestidos.

É assim que, ao entrar para um banho, ao mudar de fato, ao metter-se na cama, em summa, toda a vez que o doente levanta do corpo a porção da vestimenta, que mais immediatamente se lhe acha sobreposta, é, acto continuo, atacado de um prurido atroz, que o leva a exfoliar as papulas, a dilaceral-as mesmo, até verterem sangue.

A mais pequena papula, situada onde quer que seja, dá logo signal de sua existencia, forçando o paciente a reconhecel-a antes pela incommoda sensação experimentada, que por suas proprias dimensões.

A's vezes trata-se de um ligeiro ponto, apenas perceptivel, mas que, não obstante, incommoda a ponto de exasperar o paciente.

É n'estas occasiões que o individuo reconhece, que a extensão do mal é realmente maior do que a principio suppozera ; e isso verifica-o elle pela multiplicidade de pontos, que são immediatomente atacados de insupportavel coceira.

A um tempo todas as papulas, como se incitadas por um só motor, entram a incommodar o paciente, que lastima não posssuir mais mãos para acudir a tantos pontos diversamente situados.

Qual será a causa d'este phenomeno particular, tão accentuado e tão frequente ?

Não o sabemos com certeza, mas acode-nos á idéa uma explicação, que, se não passa de uma hypothese, pode-se comtudo affirmar que parece bem fundamentada.

Como se sabe, é o calor, e o calor humido, uma das circumstancias indispensaveis para a manutenção da vida em toda essa longa e variada serie de nematoides parasitas. A ninguem é desconhecida a importancia d'este elemento na producção das fermentações putridas, e todos sabem que notavel papel ahi representam os animalculos infusorios.

Já se vê, pois, que tambem á *Filaria* microscopica, de que nos occupamos, é necessario ou indispensavel o calor.

Ora, despidas as vestes, a subita impressão do ar, principalmente á noute, em que desce geralmente a temperatura de alguns gráos, se transmitte até os nematoides, que se agitam vivamente, executando os mais expeditos e multiplicados movimentos.

Esta passagem da quietação ou modorra, em que dantes se achavam, graças ao calor, que de todos os lados os cercava, ás multiplicadas voltas e accelerados movimentos, deve necessariamente manifestar-se por um symptoma qual o que realmente apresenta o paciente. Comprehende-se

facilmente, com effeito, que estes movimentos devem trazer, como consequencia, a irritação das radiculas, ou filetes nervosos, que se destribuem na pelle ; d'onde o prurido insupportavel.

Não queremos com isto dizer, que só á noute se manifeste o phenomeno, ou ao despir da roupa, mas apenas que são essas as occasiões em que mais se accentua o symptoma.

Continuemos, porem, a descripção dos phenomenos observados, em relação a cada papula de per si.

Quebrada a vesicula ou exfoliada a papula, nem por isso cessa o prurido, que persegue por toda a parte o portador da *Filaria dermathemica* ; e, por vezes repetidas, vê-se este irresistivelmente forçado a arrancar a crôsta vermelha e secca, que cobre a ferida, resultante do dilaceramento anterior.

Se o paciente se contenta com eliminar a crôsta e limpar ligeiramente a superficie sangrante, quasi invariavelmente não desenraiza o mal, e, no dia seguinte, terá de repetir o mesmo processo, que continuará por muito tempo.

Se, porem, logo ao arrancar a pequena crôsta, com a unha ou a lamina de um canivete, raspar cuidadosamente o fundo da ferida, limpando-a e lavando-a em seguida, então com certeza debella-

rá o mal, o que ainda uma vez comprova que a causa determinante reside, como o parasita, no fundo mesmo da ferida.

Frizamos este facto : escoriado e limpo o fundo da ferida, cessa immediatamente o mal ; mas a escoriação e lavagem do fundo da ferida eliminam o parasita : logo o parasita é a causa determinante da molestia.

Muitas vezes não é necessario usar de um instrumento qualquer, nem premeditadamente arranhar o fundo da ferida.

Incitado pelo prurido vehemente e insupportavel, ou guiado pelo instincto, o paciente enterra as unhas na papula e excoria-a vivamente, deixando depois correr o sangue ; e assim prosegue até não sentir mais o incommodo primitivo. É d'este modo igual ao precedente o resultado. Um facto que parece indicar que a *Filaria dermathemica* não caminha em um sentido bem determinado é que ella não cava galerias, como a *Acarus* da sarna ; antes se conserva no centro de sua vesicula, até que a desalojem.

Mas então os ovulos, já desenvolvidos, se derramam, com o sangue extravasado, sobre a pelle das regiões circumvisinhas, e os nucleos de novas vesiculas ou papuias, a origem ou semente de nova erupção estão lançados. Assim se explica

como se reproduzem, em pouco tempo, as elevações puriginosas e se transmittem á distancia.

Ahi ficam, pois, *à vol d'oiseau*, os symptomas da molestia. Resta apenas aventar uma hypothese explicativa do incommodo prurido, que a acompanha inevitavelmente e a caracterisa, e sobre o qual já ligeiramente fallámos algumas linhas acima.

Devem lembrar-se os leitores de quanto são capazes as *Filarias*, em relação a movimentos, e em quantas e quão variadas direcções fazem-n'os sem cessar. Ficou tambem cuidadosamente estabelecido de que prodigiosa actividade são dotados esses movimentos.

Facil é, pois, comprehender-se agora a causa material ou mecanica do prurido experimentado.

Vasta como é na pelle a rêde das fibras nervosas, e delicada a sua excitabilidade, sem esforço algum se attribuirá á irritação, provocada pela *Filaria dermathemica* sobre estas terminações nervosas, a incommoda sensação de insupportavel prurido.

Tratamento — Quanto ao tratamento da *Filariose*, podemos deduzil-o do estudo experimental que fizemos, e ficou anteriormente mencionado.

O acido phenico, vimol-o, mata o parasita, e isso em um tempo extraordinariamente curto: logo serão as preparações phenicadas um excellente e infallivel meio de debellar a molestia.

O picro-carminato de ammoniaco, dotado de igual propriedade parasiticida, devia igualmente servir no tratamento racional da *Filariose*.

Como, porem, córa este liquido os tecidos vivos, ou a materia organica, de amarello e vermelho, em pontos diversos de seus elementos constituintes e accessorios, não poderá absolutamente ter na pratica a acceitação, que lhe deveriam exigir as suas qualidades parasiticidas.

O acido phenico, pois, pode muito bem bastar, no curativo da molestia, e a sua applicação variar ao infinito, em relação ás fórmas pharmaceuticos, sob as quaes deva ser de preferencia empregado.

É assim que o uso das loções phenicadas, logo após o dilaceramento da papula ou vesicula, procurando-se lavar cuidadosamente o fundo da ferida, deve ser um bom processo curativo desta enfermidade.

Um simples glycerio phenicado, uma pomada tambem carbolisada, ou um outro preparado do phenol podem igualmente neutralisar o mal, eliminando o parasita.

Semelhantes applicações topicas, depois de escoriada a elevação dermica, bastarão sem duvida para destruir completamente o nematoide, e, portanto, a molestia por elle produzida.

Comprehende-se perfeitamente que um grande numero de parasiticidas outros terão qualidades identicas, e darão um resultado semelhante.

Como, porem, não tivessemos feito observações sobre outras substancias, limitar-nos-hemos, por emquanto, a indicar apenas o acido phenico, convicto, porem, de que não é elle o especifico, mas antes toda a especie de antiseptico, cuja acção fôr experimentalmente demonstrada como nociva aos nematoides, occasionadores da molestia.

Antes de terminar, seja-nos licito referir os resultados que obtivemos, em uma experiencia, relativa á acção do sulfato de quinina sobre a *Filaria dermathemica.*

Escapou-nos, na impressão da primeira parte d'este trabalho, incluir as notas que haviamos tomado sobre o resultado obtido n'essa experiencia.

Tal esquecimento, que lamentamos profundamente se tivesse dado, obriga-nos agora a inserir n'este capitulo, destinado á *Filariose*, notas que deviam figurar no *Historico*, que constitue o capitulo primeiro d'esta Memoria.

Não deixaremos, porem, de referir esses resultudos, não só porque seria contribuir voluntariamente para uma falta, na fiel narrativa chronologica dos factos observados, como porque parece-nos de vantagem para certos corollarios a descripção d'esses phenomenos.

Mais uma experiencia, que demonstre claramente a acção parasiticida do sulfato de quinina, não nos parece seja para desprezar-se, hoje principalmente que a *etiologia animada* vae fazendo verdadeiros progressos na sciencia.

Sem mais commentarios passemos á narrativa do occorrido durante a experiencia.

27 de Maio de 1875

Resolvemo-nos hoje a experimentar a acção do *sulfato de quinina* sobre a *Filaria dermathemica.*

Começámos por procurar uma *Filaria*, segundo o processo já tantas vezes repetido no correr d'este trabalho, e de feito obtivemos uma bella preparação, em que se observava perfeitamente uma grande *Filaria dermathemica*, de movimentos activissimos, e exactamente semelhante ás até então examinadas.

Obtida a *Filaria*, preparámos uma solução de *sulfato de quinina*, cuja formula foi a seguinte :

R.	Sulfato de quinina.......	1 gramma
	Acido sulfurico..........	q. s.
	Agoa distillada.........	100 grammas
	D.	

D'esta solução tomámos, com uma varinha de vidro, uma gotta, que collocámos sobre a *lámina receptora* da preparação, junto a um dos bordos da *lamina de cobrir*, o que deu em resultado, como era de esperar, a intromissão lenta do liquido, por capillaridade.

Eis o resultado da observação, a que immediatamente submettemos o animalculo :

10 *horas e meia* — Acabámos de addiccionar a gotta de solução. Movimentos mais vivos do parasita. Pouco depois movimentos convulsivos. O animalculo começa a desenrolar-se ; estende-se, ás vezes, quasi em linha recta. Movimentos cada vez mais brandos.

10 *horas e 35 minutos* — Outra gotta do mesmo liquido. Ligeira agitação. Inteiriçamento. Movimentos raros, convulsivos.

10 *horas e 45 minutos* — Outra gotta de solução. Ausencia de movimentos.

10 *horas e 50 minutos* — Idem.

11 *horas e meia* — Idem.

12 *horas e meia* — Começa a desaggregar-se a *Filaria*.

2 *horas da tarde.* — Desaggregação adiantada.

Vê-se, pois, que é decisiva a acção do sulfato de quinina sobre a *Filaria dermathemica.*

Resta-nos referir que, na mesma preparação, existia outra *Filaria*, a cuja morte não assistimos, mas que depois encontrámos, já em começo de desorganisação, inteiriçada tambem, porem com um ligeiro encurvamento na cauda e na cabeça.

Ahi ficam essas notas, que haviamos cuidadosamente recolhido. Não ousamos tirar conclusão alguma por emquanto. Registrar o facto é o que nos compete n'este momento.

Cumpre declarar agora que em nós produziu excellente resultado o acido phenico, tomado internamente.

Sirvimo-nos do *Xarope de acido phenico* do Dr. Declat, tomando quotidianamente duas colheres de sôpa, uma pela manhã e outra á noite em um pouco d'agua.

Com este tratamento melhorámos notavelmente, da molestia.

São estes, por emquanto, os meios que podemos aconselhar.

Não terminaremos, porem, este capitulo sem referir que, em virtude da estada, durante um mez e no inverno, em um clima diverso do nosso,

e quando o frio era intenso, em Nictheroy, desappareceram completamente as papulas que haviam resistido á acção do acido phenico.

Não virá isto de algum modo confirmar aquella idéa, que aventámos em outra parte deste trabalho, de ser a *Filaria dermathemica* uma especie do genero *Filaria*, que attinge tão exaggerado desenvolvimento nos climas quentes, e vae gradualmente desapparecendo, á medida que se caminha para os climas temperados e frios?

Não será a *Filaria dermathemica* uma *Filaria de Medina*, notavelmente reduzida de volume?

É indispensavel que, na Côrte do Imperio, façam-se minuciosas pesquizas microscopicas, nas affecções cutaneas de aspecto papuloso, a ver se por acaso existe tambem lá a *Filaria dermathemica*, o que *a priori* parece não deve acontecer.

Em sciencia positiva, porem, nada se pode concluir sem o exame dos factos: o *a priori* ahi não é admissivel. Por ora, pois, ficará como uma simples hypothese o que dissemos sobre a não probabilidade da existencia da *Filaria dermathemica* no Sul do Imperio. Só aos micrographos será permittido, após profunda observação, resolver este ponto importante de dermatologia.

Aqui deixamos cahir o ponto final sobre esta monographia, pedindo mil perdões aos leitores pelas innumeras faltas commettidas.

Fallecendo-nos talento e habilitações, tivemos apenas em mira chamar a attenção dos professionaes para este ponto importantissimo do estudo das dermatoses, uma vez que nos fôra dado descobrir o parasita productor da affecção que descrevemos.

FIM

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA ORIGINAL

REPRESENTANDO

A FILARIA DERMATHEMICA

QUADRO I

Os tres primeiros parasitas são figurados executando movimentos ondulatorios. Nas quatro figuras, que compoem o quadro, as mesmas lettras correspondem a partes identicas em cada nematoide : *c*, extremidade cephalica, em que se vê o orificio boccal da *Filaria dermathemica* ; *e*, esophago ; *a*, orificio anal ; *p*, extremidade caudal.

Fig. 1ª *Filaria dermathemica* de cauda obtusa.

Fig. 2ª » » » » afilada.

Fig. 3ª » » » » e dobrada, semelhando uma espicula terminal.

Fig. 4ª *Filaria dermathemica* morta pelo acido phenico. Vê-se o enrijamento do animalculo e a desaggregação das cellulas que o compoem.

QUADRO II

Diversos movimentos do animalculo. As lettras tem a mesma significação que no quadro anterior.

QUADRO III

Fig. 1ª Ovulo inteiro.

Fig. 2ª Ovulo partido.

Fig 3ª Capsula despedaçada em uma extremidade.

Fig. 4ª *O*, ovulo sahindo de uma capsula ; *c*, capsula aberta e com os dous retalhos revirados.

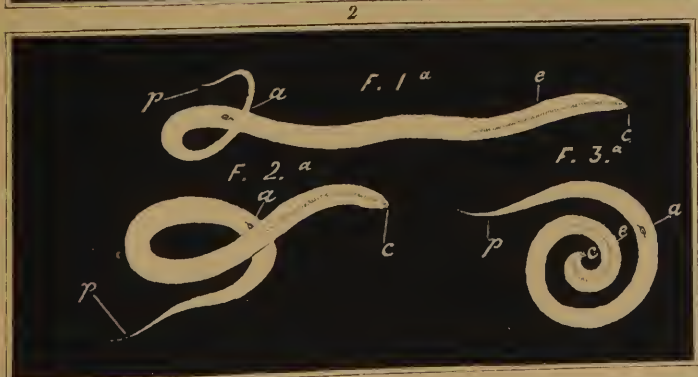
ESTAMPA ORIGINAL

1

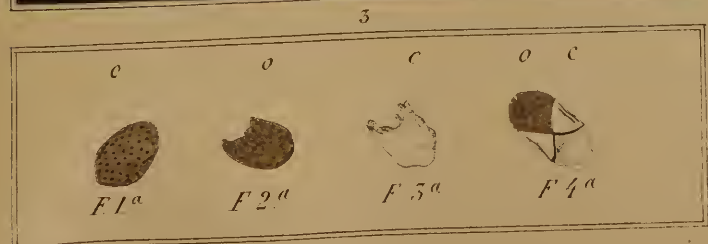
F. 1.a F. 2.a F. 3.a F. 4.a

c c c c
e e e e
a a a a
p p p b p

2



3



EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA COPIADA

Fig. 1ª *Acarus* ou *Sarcoptes* feminino (vulgarmente ***Bicho da sarna***), visto por sua parte ventral ; *a*, seu ovulo.

Fig. 2ª Idem pela face dorsal.

Fig. 3ª Idem masculino.

Fig. 4ª *Acaropse*, de Méricourt, observado, na Terra-Nova, em um doente affectado de uma molestia de pelle, e no pús proveniente do conducto auditivo.

Fig. 5ª *A*, *Demodex folliculorum*, visto por sua face ventral. *B*, seu rostro isolado. *C*, seu ovulo.

Bahia — Imprensa Economica — 1875


ESTAMPA

ESTAMPA COPIADA

Fig 1.ª



Fig. 2.ª



(Littré e Robin)

Fig. 3.ª



(Littré e Robin)

Fig. 4.ª



Fig. 5.ª



(Woillez)